



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NATHALIE CARVALHO RAMOS

**O ROMANCE VITORIANO E A LUTA DE CLASSES: UMA ANÁLISE HISTÓRICA
DA OBRA *MARY BARTON* (1848)**

João Pessoa – PB
2025

NATHALIE CARVALHO RAMOS

**O ROMANCE VITORIANO E A LUTA DE CLASSES: UMA ANÁLISE HISTÓRICA
DA OBRA *MARY BARTON* (1848)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Débora Souza Rosa

João Pessoa – PB

2025

NATHALIE CARVALHO RAMOS

**O ROMANCE VITORIANO E A LUTA DE CLASSES: UMA ANÁLISE HISTÓRICA
DA OBRA *MARY BARTON* (1848)**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do grau de Licenciado em História, e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora designada pela Coordenação do TCC em História da Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA

Presidente(a): Prof^ª. Dr^ª. Débora Souza Rosa
Instituição: UFPB

Membro: Prof^ª. Dr^ª. Arianne Norma de Menezes Sá
Instituição: UFPB

Membro: Prof. Dr. Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira
Instituição: UFPB

João Pessoa, ____ de _____ de ____.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R175r Ramos, Nathalie Carvalho.

O romance vitoriano e a luta de classes: uma análise histórica da obra Mary Barton (1848) / Nathalie Carvalho Ramos. - João Pessoa, 2025.

51 f.

Orientadora: Débora Souza Rosa.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2025.

1. Século XIX. 2. Proletário. 3. Burguesia. 4. Literatura. I. Rosa, Débora Souza. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

Dedico este trabalho aos meus
irmãos, porque através deles aprendi a
amar incondicionalmente antes mesmo
de saber o que é o amor.

*And I saw something they can't take away
'Cause there were pages turned with the bridges burned
Everything you lose is a step you take*
– Taylor Swift (You're On Your Own, Kid)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho e a conclusão do meu curso de História não teria sido possível sem a presença de pessoas essenciais na minha vida, às quais quero dedicar minha gratidão nas próximas linhas, embora estas palavras sejam insuficientes para expressar toda a importância que elas têm para mim.

Em primeiro lugar, devo toda minha jornada a Jesus, por ter sido Ele o responsável por despertar em mim o senso de justiça e de amor, sentimentos que jamais conseguirei separar da minha vida. É por causa de Seu exemplo, plantado em mim, que decidi cursar História, buscando compreender por que a sociedade em que vivemos é tão desigual e os mistérios que o passado tem a revelar.

Agradeço aos meus pais, Jonathan Ramos de Sousa e Gilda Leite Ramos, por sempre estarem presentes, por me amarem sem reservas e por serem meus exemplos de seres humanos íntegros e honestos. Minha mãe, com seu companheirismo e luta diária para oferecer o melhor a mim e aos meus irmãos, e meu pai, por sua proteção inigualável e ensinamentos que serei eternamente grata.

Aos meus irmãos Anthony Carvalho Ramos e Nathanyahu Carvalho Ramos, por serem meus meninos amados e os motivos pelos quais busco sempre o melhor de mim. Dedico a eles todos os meus passos e conquistas, e espero ser cada dia uma pessoa melhor, para que possam viver uma vida extraordinária.

À minhas avós, Maria de Lourdes e Rita Alves do Nascimento, e à minha tia Genilda Carvalho, por serem exemplos claros de bondade e fidelidade; sempre buscarei seguir seus passos.

Um agradecimento especial vai para as minhas amigas, que me deram força enfrentar batalhas diárias de cabeça erguida. À Izabelly (Bela) e Maria Eduarda (Madu), por serem minhas irmãs nesta vida, com quem aprendi mais sobre mim mesma do que jamais imaginei. À Sufia e à Savana, por serem exemplos de dedicação e gentileza e por me mostrarem que não há vergonha em expressar o melhor de si para os outros. À Ruth, Maristella e Kaylany por estarem juntas comigo durante o curso, sempre apoiando-se mutuamente. À Larissa, Dayse e Eliana, que foram presentes tão agradáveis nesta reta final da graduação, meninas que me ensinaram tanto em tão pouco tempo. À Raysla por ser como uma irmã mais velha sempre disposta a me ouvir e me ensinar, parceira de viagens e de restaurantes. À Heloá (Helô) e à

Amanda (Mands), por, mesmo à distância, serem exemplos fiéis de amizade verdadeira, em quem sempre poderei contar.

Agradeço especialmente aos professores que marcaram minha jornada acadêmica e que, em momentos de desânimo, me fizeram lembrar do exemplo que representam. Expresso minha gratidão particularmente à banca examinadora, composta pela professora Ariane Norma de Menezes Sá e pelo professor Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira. Não poderia deixar também de mencionar o professor Tiago Bernadon, por me mostrar um caminho na historiografia que influenciou não apenas esta pesquisa, mas também a forma como enxergo o mundo e os meus próximos passos acadêmicos. Também destaco o professor Damião de Lima, com quem realizei um Prolicen voltado para educação, e, a partir dessa experiência, passei a enxergar a área que escolhi trabalhar com outros olhos. Agradeço, principalmente, à minha orientadora Débora Souza Rosa, cuja orientação levarei para a vida além do campo acadêmico; conhecê-la foi um divisor de águas. Por meio dela foi possível a formação do Grupo de Estudos Vitorianos (GEV), responsável por impulsionar esta pesquisa nos estudos de Literatura e História do século XIX. Às meninas que fazem parte do grupo, também dedico minha gratidão por compartilharmos interesses em comum e ajudarmos umas às outras a evoluir academicamente.

Agradeço aos meus alunos, que me ensinam, mesmo sem querer, e me transformam, cada dia mais, em uma professora melhor.

Por fim, expresso minha eterna gratidão à Literatura e à História: a primeira, por ser meu porto seguro, onde consigo compreender a mim mesma, aos outros e ao mundo pelas páginas, e por me mostrar que é ali que pertenço; à segunda, por ampliar minha visão de mundo, revelar como a sociedade e as relações funcionam e, acima de tudo, por responder grande parte dos meus questionamentos e ensinar que a cada dia haverá mais perguntas a serem feitas e mistérios a serem descobertos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o romance *Mary Barton* (1848), da escritora inglesa Elizabeth Gaskell, representa a situação da classe trabalhadora durante a Revolução Industrial e as soluções propostas para as problemáticas sociais. Para essa análise de caráter bibliográfico, adota-se a perspectiva da crítica literária marxista e da literatura como representação, fundamentando-se em autores como Karl Marx, Friederich Engels, Terry Eagleton, Raymond Williams, Roger Chartier e Edward P. Thompson. Por fim, essa pesquisa busca também evidenciar a relevância do uso da Literatura como fonte histórica para a compreensão dos dilemas e contradições sociais na Inglaterra oitocentista.

Palavras-chave: Século XIX, Classe, Proletário, Burguesia, Literatura.

ABSTRACT

The present study aims to analyze how *Mary Barton* (1848), by the English writer Elizabeth Gaskell, portrays the condition of the working class during the Industrial Revolution and the solutions proposed for social problems. This bibliographical research adopts the perspective of Marxist literary criticism and literature as representation, drawing on authors such as Karl Marx, Friedrich Engels, Terry Eagleton, Raymond Williams, Roger Chartier, and Edward P. Thompson. Ultimately, the study highlights the relevance of literature as a historical source for understanding the social contradictions and dilemmas of nineteenth-century England.

Keywords: 19th century, Class, Proletarian, Bourgeoisie, Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. LITERATURA COMO OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA SEGUNDO PERSPECTIVA DA CRÍTICA LITERÁRIA MARXISTA

- 1.1. Literatura e História - Literatura como objeto de estudo da história**
- 1.2. Crítica literária marxista - um olhar materialista para a literatura e a história**

2. A ERA VITORIANA E SUAS PARTICULARIDADES

- 2.1. O século XIX na Inglaterra**
- 2.2. A condição de vida dos trabalhadores industriais e a consciência de classe**
- 2.3. O romance vitoriano e a moralidade burguesa**

3. ELIZABETH GASKELL E SUA ESCRITA DE DENÚNCIA EM MARY BARTON

- 3.1. A voz crítica de Elizabeth Gaskell.**
- 3.2. O romance de Gaskell e a representação da classe trabalhadora.**
- 3.3. Formação da consciência de classe em John Barton**
- 3.4. Representação dos movimentos dos trabalhadores: O Cartismo**
- 3.5. A visão de Gaskell e a resolução dos conflitos.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

“Até hoje, a história de toda sociedade é a história da luta de classes.” Assim, Karl Marx e Friedrich Engels introduzem o *Manifesto Comunista*, publicado em 1848, uma obra fundamental para questionar essa batalha travada ao longo dos diversos períodos históricos entre grupos dominantes e dominados. E, por uma coincidência histórica, ou até mesmo decorrente de um reflexo do fervor social da época, Elizabeth Gaskell publicava, no mesmo ano, seu primeiro romance, *Mary Barton*; obra que chamou a atenção de um grande nome da literatura vitoriana de denúncia das desigualdades na Inglaterra em seu ápice industrial, Charles Dickens, autor de obras como *Oliver Twist* (1838), *David Copperfield* (1850), *Grandes Esperanças* (1861), entre outras.

Mas a semelhança temporal do Manifesto Comunista com o romance de Gaskell não se restringe apenas ao ano, pois ambas representam a estrutura econômica do sistema capitalista que se manifesta, primordialmente, pelo conflito de interesses entre duas classes: a burguesia e o proletariado. Enquanto a primeira obra é um chamado à luta daqueles que há tempos têm sido explorados e uma teoria sociológica para a divisão da sociedade em classes sociais, a outra utiliza a ficção para expressar a dinâmica social inglesa do século XIX, e a condição da classe trabalhadora na Primeira Revolução Industrial.

Na época em questão, a burguesia, que avançava para seu clímax desde do período medieval, consolidava-se como classe dominante no aspecto econômico, enquanto o proletariado industrial crescia em número, submetido a duras condições de trabalho nas fábricas e a uma qualidade de vida cada vez mais insalubre. Com o capital e as terras nas mãos de poucos, não havia outro caminho a seguir para essa parcela da população se não deixar o campo em busca de trabalho e se concentrar nas grandes cidades (ENGELS, 1844, p. 117). E é nesse contexto que Gaskell ambienta grande parte de suas obras, inclusive o livro base dessa pesquisa.

O que dominava a mente de John Barton, aquilo que decidiria o seu destino neste mundo, eram os ricos e os pobres; por que eram tão separados, tão diferentes, se Deus criara todos eles? Não era vontade Dele que seus interesses fossem tão distintos. Quem era o responsável por isso? (GASKELL, 1848, p. 200-201)

A citação acima destaca a consciência de John Barton, pai da jovem Mary Barton - a protagonista do romance - pertencente à classe trabalhadora. Embora a história tenha seu foco em Mary, seu pai exerce um papel essencial no enredo, principalmente ao se mostrar

constantemente contrário ao sistema que o oprime. Toda a obra é uma manifestação do sentimento de revolta que cresce entre aqueles que precisam passar por tantas privações e perdas de familiares e amigos.

O romance se inicia com o desaparecimento de Esther, tia da protagonista. Tal acontecimento abala profundamente a família e acarreta a morte da matriarca, deixando apenas John Barton e sua filha Mary sobrevivendo naquele período tão hostil para os trabalhadores ingleses.

Nos anos seguintes, o senhor Barton passa a nutrir, cada vez mais, um sentimento de inquietação diante da sua realidade vigente. Por isso, ele se envolve no sindicato e torna-se membro de um movimento importante da época: o Cartismo. Um assassinato conduz a segunda metade do romance, desenvolvendo tanto o relacionamento entre Mary e Jem quanto expressando o estado de revolta extrema de seu pai, que comete o crime contra Henry Carson, o terceiro indivíduo do triângulo amoroso de Mary.

Henry Carson, não por coincidência, representa a classe burguesa, alvo do ressentimento de John Barton. Entre investigações e sofrimentos, o romance culmina em um desfecho trágico para o senhor Barton, que, antes da versão final do livro, daria título à obra, posteriormente alterado para Mary Barton a fim de deslocar o foco da narrativa para a relação amorosa. Afirmar que Elizabeth Gaskell escreveu apenas para retratar a época em que estava inserida seria uma simplificação, pois é notório observar na história construída por ela diversos dilemas e relações sociais típicas do período. Contudo, é possível interpretar sua produção como alicerçada em uma visão materialista da realidade, na medida que evidencia as tensões de classe que atravessavam o período.

Essa leitura torna-se ainda mais relevante quando situada no contexto da Inglaterra do século XIX, a Era Vitoriana, que foi palco de profundas mudanças sociais e estruturais no modo de produção que se expandiu para o restante da Europa e suas colônias. Considerando a relevância britânica no cenário mundial, destacam-se também as intensas relações estabelecidas com a nação brasileira durante o Império. Ademais, a vinda da família real portuguesa às terras brasileiras consolidou essa conexão com a abertura dos portos às nações amigas, o que ocasionou na assinatura de diversos tratados alfandegários que garantiam à Grã-Bretanha amplo domínio sobre o comércio brasileiro.

Contudo, as raízes dessa relação entre a Inglaterra e o Brasil remontam ao período que se estende desde do Brasil colonial, passando pela época do Império e culminando até os dias atuais. A Inglaterra, impulsionada pelos seus interesses econômicos e políticos exerceu grande

influência na pressão pelo fim do tráfico negreiro e na independência do Brasil, consolidando sua influência nas Américas. Nesse contexto mais amplo, a presente pesquisa ganha significância ao examinar a forma como a autora buscou explorar os motivos que geram o ressentimento do proletariado em relação à burguesia, bem como apresenta uma possível solução para as tensões sociais da época. Mais do que denunciar a condição dos trabalhadores, Gaskell proporciona em sua obra uma direção capaz de conciliação e diálogo entre burguesia e proletariado, o que fomenta a reflexão sobre até onde as soluções exploradas por ela são realistas em consideração à complexidade dessas relações.

Diante do que foi apresentado, uma pergunta sobre o uso de uma obra literária como objeto de pesquisa histórica persiste. Assim sendo, para respondê-la, devemos considerar como ponto de partida seu valor cultural e imersivo, além da sua capacidade de denunciar a conjuntura do período em que foi produzida. A literatura é uma ferramenta de pesquisa histórica de enorme poder, utilizada há muito tempo por diversos pesquisadores, incluindo aqueles adeptos da crítica literária marxista. Sobre esse panorama, e seguindo a linha de Friedrich Engels, a pesquisa apresentada é fundamentada na perspectiva teórico-metodológica marxista da cultura, com enfoque nos conceitos de infraestrutura e superestrutura na análise da literatura, a fim de compreender as relações entre burguesia e proletariado de acordo com o materialismo histórico e analisar o romance dentro da crítica literária marxista, cujo objetivo é, nas palavras do crítico literário Terry Eagleton:

[...] *explicar* a obra literária de forma mais plena; e isso significa uma atenção sensível às suas formas, estilos e significados. Mas isso também significa compreender essas formas, estilos e significados como produtos de uma História específica. (EAGLETON, 1976, p.14-15)

Nesse sentido, sob uma perspectiva da literatura marxista, esta pesquisa tem como objetivo observar como os movimentos operários, especificamente o Cartismo, estão explícitos no romance *Mary Barton*, da autora inglesa Elizabeth Gaskell, de 1848. A intenção é compreender sua importância histórica para a luta da classe trabalhadora. No entanto, uma pergunta permeia e guia todo o trabalho: qual a solução proposta por Gaskell para a resolução desses conflitos e se essa alternativa é eficaz diante da realidade materialista?

Para o sucesso deste trabalho, inúmeras pesquisas e autores serviram de base tanto no campo histórico quanto literário. Em relação ao primeiro, vale ressaltar Friedrich Engels com seu livro *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, publicado em 1844, no qual

buscou observar como viviam os trabalhadores no país. Um dos capítulos foi dedicado a Manchester, cidade onde Gaskell morou e onde *Mary Barton* é ambientada. Em sua obra, os movimentos sociais são expostos, assim como as condições de vida dos moradores operários dessas cidades industriais.

Outro autor que também dedicou parte de seu trabalho à análise da Revolução Industrial e dos trabalhadores, além de ser uma peça chave para a História Social Inglesa, é Eric Hobsbawm, com os seguintes livros: *Os Trabalhadores* (2008), e a coleção da *Era das Revoluções* (1962), *Era do Capital* (1975) e *Era dos Impérios* (1987). No campo literário, especificamente na crítica literária marxista, autores como Terry Eagleton e Raymond Williams, com os livros *Marxismo e Crítica Literária* (1976) e *Marxismo e Literatura* (1979), respectivamente, fundamentam a escolha por uma análise materialista do romance e do período estudado.

A própria Gaskell se aventurou na escrita biográfica quando escreveu sobre sua amiga Charlotte Brontë no livro *A Vida de Charlotte Brontë*. Já no que se refere à vida e obra de Elizabeth Gaskell, uma referência crucial é a biografia da historiadora Jenny Uglow, *Elizabeth Gaskell: A Habit of Stories*, e o site *The Gaskell Society*, que é um grupo de estudos na Inglaterra que se reúne para pesquisar sobre a autora e seus romances. Este grupo tem duas publicações em circulação: *The Gaskell Journal*, com pastagens anuais, e *The Gaskell Newsletter*, que teve sua última edição em 2015. No que concerne às pesquisas relacionadas ao romance *Mary Barton*, não há tantos trabalhos que o estudam, mas um que está relacionado a *Norte e Sul* se destaca titulado *A construção de heroínas sob a ótica da militância social e da luta política: estudo dos romances Mary Barton (1848) e Norte e Sul (1854-55) de Elizabeth Gaskell* de Daiane de Cássia Martins Fazan, o qual se preocupa em analisar as protagonistas de cada obra.

Em linhas gerais, o primeiro capítulo discutirá a relevância científica de utilizar a literatura como objeto de estudo da História, com enfoque na crítica literária marxista, apresentando ainda a fundamentação teórica desta pesquisa. O segundo capítulo abordará o contexto da classe trabalhadora na Inglaterra vitoriana, destacando os movimentos sociais como o Cartismo, bem como, as transformações sociais, políticas e econômicas que marcaram a Inglaterra no século XIX e os aspectos estruturais que permitiram o surgimento e ascensão da burguesia e do proletariado industrial. Por fim, o terceiro capítulo será dedicado à vida de Elizabeth Gaskell, com ênfase no romance *Mary Barton*, analisando as movimentações dos

trabalhadores e as duras condições de vida e trabalho do proletariado e sua representação literária.

1. LITERATURA COMO OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA SEGUNDO PERSPECTIVA DA CRÍTICA LITERÁRIA MARXISTA.

O capítulo inicial deste trabalho tem como objetivo analisar a relevância da literatura como fonte histórica, especialmente a partir da crítica literária marxista. Nessa abordagem, busca-se compreender os escritos literários como produções culturais que, ao mesmo tempo em que refletem o contexto histórico em que foram produzidos, também atuam como elementos que intervêm nesse cenário.

A partir dessa lente, os conceitos marxistas de infraestrutura e superestrutura são explorados para examinar as obras, em especial o romance, como materiais que, embora possam disseminar e consolidar a ordem vigente de sua época, também confrontam e denunciam, evidenciando as contradições do período vitoriano. Partindo desse raciocínio, a fundamentação teórica foi estruturada por meio de um levantamento das correntes historiográficas que ampliaram o uso de diferentes fontes, inclusive a literatura, desde as contribuições da Escola dos Annales, passando pela Nova História Cultural, até a História Social Inglesa.

1.1. Literatura e História: um possível diálogo

Em seu texto *A História na Literatura: princípios de abordagem*, a professora da USP Maria Teresa de Freitas (1984) compara a relação entre História e Literatura como a de muitos casais, que convivem de maneira conflitante, mas permanecem coexistindo, mais conectados do que nunca por essa ligação profunda que remonta longos anos na história da pesquisa acadêmica. Porém, tratar a arte como objeto de estudo histórico exige um cuidado redobrado, uma vez que a obra artística é sempre fruto de um contexto histórico, mas, quanto mais a análise dela for direcionada a sua forma, estilo, técnica e estética, menos espaço os elementos históricos de sua produção, recepção e conteúdo, terão. No entanto, utilizá-la como forma de compreensão de estruturas sociais, econômicas e até mesmo políticas de determinada época é um campo fértil, com diversas possibilidades para serem explorados.

Para além dessa dimensão emocional, a literatura se mostra uma fonte rica para a História, especialmente quando se considera sua historicidade. Ainda que as obras literárias não sejam um reflexo exato dos fatos históricos ou das formações ideológicas vigentes, elas podem apresentar indícios do cotidiano das populações do período estudado. Revelam também os questionamentos e ações que protagonizaram a época, evidentes até mesmo nos silêncios e escolhas de palavras das narrativas. Quando usadas com rigor metodológico e teórico, as obras literárias podem ser fortes aliadas na pesquisa histórica, como afirma Allan H. Pasco em seu artigo *Literature as Historical Archive* (2004, p.374)¹.

Usada com cuidado — e lembrando que a realidade nunca é pura, simples ou linear — a literatura e as artes podem trazer uma nova luz à nossa percepção da história. Não se deve esperar que a literatura seja um espelho exato ou tenha uma relação direta e única com a realidade objetiva — o chamado *mimetic fallacy* (*falácia mimética*) —, mas o historiador/crítico pode achá-la extraordinariamente útil.

Nesse sentido, cabe ao historiador saber empregar os textos literários no processo de pesquisa, evitando delimitar as obras apenas aos acontecimentos políticos e históricos, mas procurando compreender a historicidade da literatura dentro de seus próprios elementos, isto é, compreendê-la como obra cultural que pode exercer a função de “fonte e documento, enquanto expressão de uma representação coletiva de uma época determinada”³ e que sobrepassa essa utilidade.

Não se trata então simplesmente de ler na forma literária a historicidade da literatura, mas de buscar o modo de compreender a produção dessa mesma historicidade, sem esquecer a historicidade da leitura ela própria e tentando articular o passado e o presente, para evitar seja a ilusão de apanhar inteiramente o passado, visitá-lo, revivê-lo, senão enquanto metáfora. (CHIAPPINI, 2000, p.26)²

Aliado a isso, o “casamento” entre Literatura e História, mencionado por Maria Teresa de Freitas em seu artigo *A História na Literatura: princípios de abordagem* não é novidade. Diversos historiadores já mergulharam nas mais variadas expressões artísticas - como iconografia, música, cinema e literatura - com o intuito de compreender melhor determinadas eras e seus imaginários. No entanto, embora essa articulação entre os dois campos não seja restrita à atualidade, a historiografia percorreu longos processos de rupturas e continuidades,

¹ Used carefully - and remembering that reality is never pure, simple, or linear - literature and the arts can bring fresh light to our perception of history. One should not expect literature to be an exact mirror or have a one-to-one relationship with objective reality - the mimetic fallacy - but the historian/critic can find it extraordinarily useful

² CHIAPPINI, Ligia. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. Literatura e Sociedade, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 5, p. 26, 2000.

permanecendo, por muito tempo, atenta ao estudo factual, ligado especialmente aos eventos políticos e à trajetória dos grandes personagens - agentes centrais das guerras e conquistas pelo globo, que também eram o cerne do olhar historiográfico. Até um movimento intelectual na historiografia, Escola dos Annales, emergir no limiar do século XX, rompendo com a tradicionalidade da pesquisa histórica.

Nomeada de “Revolução Francesa da Historiografia” por Peter Burke, essa tendência intelectual foi inaugurada em 1929 com a publicação da Revista Annales, sob a liderança de Marc Bloch e Lucien Febvre, nomes centrais da primeira geração dos Annales. Eles foram responsáveis por romper com o positivismo historiográfico, que concedia destaque quase exclusivo aos documentos oficiais para narrar os eventos de cada época. Esses historiadores voltaram suas pesquisas para compreender a cultura e as mentalidades dos povos, ampliando, assim, as possibilidades de fontes históricas e consolidando a literatura como uma opção rica de objeto de estudo, como menciona Burke:

Da minha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. (BURKE, 2011, p. 80, *apud* NASCIMENTO, 2022, p. 172).

Ainda que a primeira geração da Escola dos Annales tenha desempenhado um papel fundamental na ruptura com a tradição historiográfica, foi somente na terceira geração que a literatura ganhou mais espaço como fonte para compreensão do passado. Isso ocorreu devido à ampliação de temáticas que passaram a contemplar os trabalhadores, mulheres e outros grupos comumente ausentes em documentos oficiais, mas presentes em outras fontes, especialmente as literárias. Um nome essencial para exemplificar é o historiador Philippe Ariès, que integrou essa geração e utilizou a literatura como fonte dos seus estudos.

Essa ampliação de escopo documental, atributo da tradição dos Annales, possibilitou à Nova História Cultural trazer à tona a noção de representação através de Chartier. O princípio de representação é compreendido como a maneira pela qual as sociedades captam a realidade em que vivem e a expressam. Dessa forma, a literatura passa a exercer relevância como fonte para a História, visto que permite a “análise das diferentes visões de mundo que o homem apresentou em cada tempo e espaço” (GRECCO, 2014, p.42), representando o período em que foi produzida por meio de elementos como narrativa, ambientação, construção dos personagens, diálogos, ações e a própria forma como o autor enxerga o mundo que descreve.

O historiador Roger Chartier (1945-) teve contribuição fundamental para o entendimento do uso de obras literárias como representação de períodos históricos. Ele destaca a relação entre Literatura e História, salientando que ambas colaboram para a criação da identidade individual e social de um povo ou de uma época, como se evidencia no seguinte trecho:

Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfológicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 197)

Logo, entende-se que a literatura, enquanto representação, constitui uma prática cultural de construção e disputa de sentidos e do imaginário coletivo. De semelhante modo, o campo marxista enxerga a produção literária como uma prática social que não permanece passiva diante da conjuntura histórica em que se insere. Ao contrário, como observa Eagleton (2011, p.15), “a grande arte é aquela que transcende suas condições históricas de forma atemporal”. Com base nessa compreensão, a presente pesquisa opta por analisar o romance *Mary Barton* sob a ótica marxista, tomando seu discurso sobre classe social como tentativa consciente de representar a realidade material da classe trabalhadora inglesa do século XIX.

1.2. Crítica literária marxista

É fato que muitos autores buscaram compreender a História por meio da análise da literatura produzida em determinados períodos, mesmo antes do marxismo entrar em cena. Entretanto, a perspectiva marxista não era central nesses estudos, embora historiadores como George Durby, integrante da segunda geração dos Annales, já realizassem pesquisas sob uma ótica neomarxista.

Esse cenário se transforma com a ascensão da História Social Inglesa no período pós-Segunda Guerra Mundial, composta por figuras marcantes da historiografia, como Terry Eagleton, Edward P. Thompson, Raymond Williams e Eric Hobsbawn. Esses autores desenvolvem suas obras com o olhar direcionado para as estruturas sociais com foco nas

classes populares. Embora tenham rompido com o Partido Comunista Britânico em decorrência da divulgação de documentos soviéticos após a morte de Stalin — o que gerou uma crise político-ideológica no seio do movimento comunista — esses intelectuais mantiveram-se com a perspectiva materialista proposta por Marx e Engels.

Cabe ainda salientar que Karl Marx - teórico do materialismo histórico e dialético - atribuiu devida importância aos poemas e romances em seus escritos. Terry Eagleton evidencia esse traço característico de Marx em sua obra *Marxismo e Crítica Literária* ao apontar:

[...] o próprio Marx era um frequentador inveterado de teatro, declamador de poesia, devorador de todas as espécies de arte literária, desde da prosa augustana até as baladas industriais. [...]; seus primeiros artigos jornalísticos defendiam a liberdade de expressão artística.

Para além do interesse pessoal, Marx utiliza-se do repertório das obras clássicas para constituir sua escrita. Exemplo disso é a forma como ele se apropria de personagens e analogias literárias para enriquecer seus argumentos como observam Costa e Chagas (2023, p. 106):

Marx (2011, p. 178) utiliza-se da análise de personagens da Literatura em seu livro e, desta vez, cita Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*, no livro do paraíso, fazendo uma analogia com o credo, pois a oração seria a moeda de troca para entrar no paraíso, assim como o ouro é a moeda de troca entre as mercadorias.

Essa abordagem também é evidente em sua obra de maior importância *O Capital*, bem como em outros escritos, como *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*.

Diante disso, torna-se notória a utilidade da literatura como fonte histórica, sobretudo para compreensão das bases estruturais de uma sociedade. Seguindo essa linha de raciocínio, estudar a literatura sob a ótica materialista implica reconhecer que a vida social, a produção de ideias e formação de consciência de um povo estão diretamente conectadas às suas condições materiais, isto é, o modo de produção material condiciona a vida social e ideológica de um grupo.

A proposta da crítica literária marxista é investigar a obra literária como um todo, “suas formas, estilos e significados - como produtos de uma história específica”. (EAGLETON, 2011, p.14). É quando entram os conceitos de “base” e “superestrutura”, que são chaves da análise cultural marxista.

Em consideração ao que foi exposto, para assimilar os conceitos citados é necessário compreender que para uma sociedade se solidificar, é necessário o desenvolvimento das forças produtivas, isto é, a força de trabalho e os meios de produção – pilares fundamentais para trabalhar. Com o desenvolvimento das forças produtivas, constituem-se as relações de produção, estabelecidas entre os indivíduos no processo produtivo. Essas relações se sustentam na diferença entre quem detém os meios de produção, quem vende sua força de trabalho e quem lucra com o que é produzido. Como afirma Raymond Williams em sua obra *Marxismo e Literatura*, essas são relações indispensáveis e independentes da vontade dos sujeitos sociais. É em consequência delas que se configura a “estrutura econômica da sociedade” (EAGLETON, 2011, p.18), conhecida pelo termo de “base” ou “infraestrutura”.

Diversas épocas e regiões do mundo desenvolveram modos de produção específicos, e, a partir deles, formou-se o que Marx chama de “superestrutura” - esfera onde se organizam os mecanismos jurídicos, políticos e sociais que asseguram os interesses da classe dominante. No entanto, a superestrutura não se limita à ideologia dessa classe: ela também abrange a consciência social em suas múltiplas dimensões, como a religião, a ética e a política. É nesse campo que a arte se insere, segundo o marxismo, como parte integrante da superestrutura e expressões das ideologias em disputa. Dessa forma, para compreender a literatura, a arte e a história, é necessário analisar o processo social do qual elas fazem parte.

A literatura acompanha as mudanças da sociedade e contribui para a transformação da mesma. Para entendê-la no âmbito da superestrutura, é necessário observar as relações que as obras estabelecem com o mundo ideológico em que estão inseridas (EAGLETON, 2011, p.20). Um exemplo claro para essa abordagem é o surgimento de um novo gênero literário: o romance. Como Ian Watt apresenta em seu livro *A Ascensão do Romance*, esse novo modelo emergiu entre meados do século XVII e o início do XVIII, época que as indústrias começavam a ocupar espaço nas cidades, enquanto a aristocracia perdia, gradualmente, sua posição como classe dominante para a burguesia. Esse é um dos motivos pelos quais, inicialmente, o gênero era visto como inferior em comparação aos anteriores, por não expressar os ideais da classe hegemônica.

As classes comerciais e industriais, que desempenharam papel fundamental na criação da ordem social individualista, haviam conquistado maior poder político e econômico, e tal poder já começava a se refletir no campo da literatura. Vimos que as classes médias urbanas se tornavam muito mais importantes na composição do

público leitor; e ao mesmo tempo a literatura começava a considerar favoravelmente o comércio e a indústria. (WATT, 1957 p. 63-64)

O romance foi o estilo que melhor abarcou as inquietações de uma sociedade em constante transformação, ao expressar a subjetividade do indivíduo e a moral burguesa emergente - como nos romances epistolares *Pamela* (1740), *Robinson Crusoé* (1719) e os *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1771) - ao apresentar a jornada, os desejos, as angústias e os pensamentos dos personagens, trazendo uma perspectiva mais interna para a escrita literária.

Outro ponto relevante a ser destacado é a necessidade de compreender que a literatura, embora faça parte da superestrutura, não é apenas um reflexo passivo da infraestrutura. A arte e suas diversas expressões podem confrontar a base e influenciar ativamente as mudanças na revolução social - momento em que as relações de produção e as forças produtivas entram em conflito. Uma prova disso são os romances vitorianos, que, mesmo dentro de seus limites sociais e políticos, confrontavam a ordem social vigente. No romance de formação, *Jane Eyre* (1847), Charlotte Brontë desafia o papel reservado às mulheres na sociedade inglesa por meio da trajetória de sua protagonista. Em *A Inquilina de Wildfell Hall* (1848), Anne Brontë questiona a instituição do casamento mediante a figura de Helen, que sofre em um matrimônio violento e opressor, sendo obrigada a fugir com seu filho para se libertar. Essas obras são exemplos claros de como a literatura é capaz de tensionar as estruturas sociais em vigor, pois, por intermédio de histórias como essas, a realidade vivenciada pelos seus leitores foi questionada e uma possibilidade de novos caminhos foram descobertos.

Mas, além disso, é de fundamental importância compreender que a arte - especificamente a literatura, objeto de estudo desta pesquisa - é uma prática social, e não apenas um texto pronto para ser destrinchado nos estudos acadêmicos. É isso que Terry Eagleton levanta em seu texto ao explicitar Walter Benjamin como um dos críticos literários marxistas que entendeu essa dinâmica em que a arte é uma produção social e que esse fator determina diretamente a natureza da própria. E ao enxergar o autor como trabalhador é possível observar a relação que a literatura estabelece com a infraestrutura, pois, ela também, como parte da indústria editorial, exerce um papel dentro das relações produtivas. Benjamin introduz o artista revolucionário, isto é, aquele que analisa e entende que sua arte pode modificar as forças produtivas por meio de sua produção.

E. P. Thompson é outro autor que utilizou a literatura como ferramenta para compreender processos históricos. Em sua obra póstuma *Os Românticos*, observa-se, por meio dos artigos reunidos, como ele se aprofunda na poesia romântica inglesa para analisar a

perspectiva de autores como Samuel Taylor Coleridge, William Wordsworth e John Thelwall acerca das transformações que fervilhavam no final do século XVIII.

A obra citada não foi a única em que Thompson recorreu à literatura para suas análises históricas. Desde *A Formação da Classe Operária Inglesa* até *Costumes em Comum*, é notório seu olhar atento para as produções literárias enquanto objetos fundamentais para compreender processos sociais e culturais de seu tempo. Além dos seus escritos sobre história que se nutriram da poesia e dos romances, o autor também produziu a biografia de um notável nome do romantismo inglês, William Morris, e um estudo sobre William Blake e sua produção poética.

É importante destacar que, em *Os Românticos*, Thompson não busca teorizar sobre o papel da literatura na história, mas sim entender como ela está ativamente inserida na sociedade: na construção de seus ideais, na participação de movimentos e na expressão da realidade vigente (PEREIRA, 2004, p. 305). Isso ocorre por meio do ponto de vista desses literatos que carregavam consigo as convicções revolucionárias do século XVIII e elucidaram, em seus poemas, os dilemas e tensões do período em que viviam. Um exemplo disso é quando Thompson observa a trajetória dos poetas românticos em parceria com a produção literária de cada fase deles. De maneira semelhante, este trabalho procura captar a mensagem que, assim como outros autores vitorianos, Gaskell desejava transmitir ao escrever sua denúncia por meio da história de Mary e John Barton com base nos ideais de sua época.

Diante do que foi exposto, percebe-se que não só o conteúdo presente nas obras literárias, como também seus autores e os contextos de produção, expressam significativamente as transformações históricas e as inquietações presentes na época. Elizabeth Gaskell é um caso claro do que foi apontado. Em seu romance mais conhecido, *Norte e Sul*, expõe um retrato atento da Revolução Industrial e suas contradições, ao mesmo tempo que reflete a perspectiva reformista com que a autora trata a resolução dos conflitos entre patrões (burgueses) e operários, por meio da figura de Margaret, pertencente à *gentry* empobrecida – como se pode observar nos seguintes trechos:

Cheguei à convicção de que meras instituições, por mais sábias que sejam, e por mais reflexão que se tenha exigido para organizá-las e arranjá-las, podem unir classe a classe como deveriam, a menos que o funcionamento de tais instituições traga os indivíduos das diferentes classes em contato pessoal real. Tal relação é o próprio sopro da vida. [...] Mas eu tomara uma ideia cuja execução exigiria relações pessoais; pode não correr bem no início, mas a cada obstáculo o interesse seria sentido por um número crescente de homens, e por fim seu sucesso no trabalho viria a ser desejado por todos, pois participaram da formação do plano; e mesmo assim tenho certeza de que perderia sua vitalidade, deixaria de ser vivo, tão logo deixasse

de ser sustentado por aquele tipo de interesse comum que invariavelmente faz com que as pessoas encontrem meios e maneiras de se verem e conhecerem os caracteres e pessoas uns dos outros, e até mesmo manias de temperamento e modos de falar. Devemos nos entender melhor, e arrisco dizer que devemos gostar mais um do outro. (GASKELL, 1854, p. 505-506)

Em outra passagem, o personagem Thornton continua:

[...] Minha maior expectativa só vai até isso: que possam tornar as greves diferente das fontes amargas e venenosas de ódio que têm sido até agora. Um homem mais esperançoso poderia imaginar que uma relação mais próxima e mais cordial entre as classes poderia acabar com as greves. Mas não sou um homem esperançoso. (GASKELL, 1854, p. 506)

Diferentemente de *Norte e Sul*, *Mary Barton* não faz o uso da personagem da *gentry*³ empobrecida para exercer um papel fundamental na resolução dos conflitos desenvolvidos na trama. Ao contrário, a narrativa se concentra na relação entre a burguesia e o proletariado. Mas, então, quem exerce a incumbência de conciliar tais divergências arraigadas na luta de classes? Esse é um questionamento que refletiremos mais adiante, no terceiro capítulo deste trabalho.

2. A ERA VITORIANA E SUAS PARTICULARIDADES

O segundo capítulo dedica-se em explorar o contexto histórico, social e econômico na Inglaterra vitoriana, período marcado pela industrialização e consolidação da burguesia como classe dominante. Além disso, esse momento foi central no processo de ascensão capitalista e o auge das contradições inerentes a esse sistema.

Esse capítulo também busca compreender a formação do proletariado urbano, composto por trabalhadores que deixaram suas terras em busca de emprego, e as duras condições de vida e trabalho que passaram a enfrentar nos centros fabris. Analisar-se-á também como tais experiências de exploração e sofrimento foram fundamentais para a formação da consciência de classe do operariado, que passou a se engajar nos movimentos trabalhistas, especialmente o Cartismo.

2.1. O século XIX na Inglaterra

³ A *gentry* fazia parte de uma camada de proprietários de terras, que carregavam em si o prestígio social e renda. No entanto, não pertenciam à alta nobreza, embora o modelo moral que exerciam era semelhantemente influente.

O romance vitoriano tomou forma no século XIX, durante o reinado da rainha Vitória na Inglaterra, e continua até a contemporaneidade, um dos principais gêneros literários, se não o mais representativo dos conflitos do nosso tempo. Entretanto, para compreender esse gênero literário e suas particularidades é necessário conhecer o fenômeno histórico ao qual essa literatura está incorporada: a Revolução Industrial, processo responsável por transformar o rumo da História global.

Para entender esse marco histórico, é preciso saber que a Revolução não ocorreu de forma rápida e nem se limitou somente ao âmbito industrial. Ao contrário, ela desenvolveu-se em um contexto propício, no qual a produção fabril já existia mediante um progresso iniciado ainda na Idade Média, e cujo impacto foi sentido também nas relações de produção das camadas sociais.

Pode-se dizer, sem medo de exagero, que ela virou o mundo de ponta-cabeça, fazendo com que hoje pensemos, vivamos, trabalhamos e produzamos de uma forma que está relacionada, direta ou indiretamente, à Revolução Industrial. (MORAES, 2017, p. 47)

Nesse sentido, é inegável que a Inglaterra foi precursora no processo de industrialização, servindo de palco para o apogeu do novo paradigma produtivo. Os motivos de seu pioneirismo são analisados por Karl Marx em *O Capital*, especialmente no capítulo 24, intitulado *A Assim Chamada Acumulação Primitiva*. Nele, Marx especifica que esse processo de acumulação é o ponto de partida para o modo de produção capitalista, que teve seu ápice na Revolução Industrial, embora não tenha surgido com ela.

Marx utiliza a Inglaterra como objeto de análise por ser, segundo ele, o lugar onde a trajetória do capitalismo se expressa em sua forma mais clássica, ainda que em cada região esse sistema tenha se enraizado e desenvolvido com particularidades. Assim, o autor esquadrinha os fatores fundamentais para a execução desse processo, originado em uma sociedade organizada em torno de sistemas domésticos de produção - nos quais o produtor, detentor dos meios de produção, adquiria matérias-primas de um comerciante para transformá-las em produtos - e de unidades produtivas familiares, onde todos os membros da família, junto a alguns trabalhadores assalariados e aprendizes, integravam a divisão do trabalho. Para Marx, esse processo de acumulação consiste na transformação dessa estrutura:

Portanto, o processo que cria a relação-capital não pode ser outra coisa que o processo de separação de trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de

produção em capital, por outro, os produtores diretos em trabalhadores assalariados. A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. (MARX, 1867, p. 340)

O que possibilitou essa separação examinada por Marx foi a expropriação dos meios de produção que asseguravam a subsistência dos trabalhadores. Esse processo ocorreu durante a chamada Revolução Agrícola, marcada pelo cercamento de terras para a transformação da terra comunal em propriedade privada, com o objetivo de aumentar o monopólio dos enormes arrendamentos. As áreas de cultivo foram apropriadas e transformadas em pastagens para criação de ovelhas e produção de lã, visando ao mercado em crescimento e indicando os primeiros passos rumo à indústria têxtil (MORAES, 2017, p.54).

As produções artesanais, típicas dos setores familiares, também passaram por modificações, como afirma Engels:

O artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho foi introduzida rigidamente e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos industriais foram lançados às fileiras da classe dos proletários. (ENGELS, 1845, p.60)

Em decorrência disso, houve a dissolução dos séquitos feudais - composto por vassalos, guerreiros e servos dos senhores feudais que habitavam nessas terras —, lançando um grande número de camponeses à condição de proletariado, uma vez que passaram a vender sua força de trabalho para sobreviver. Devido ao despovoamento do campo, os camponeses precisaram sair de suas terras em busca de trabalho, migrando para as cidades que estavam em constante crescimento industrial. Esse processo não só cria o proletariado como também um mercado interno, já que as matérias-primas antes ao alcance das famílias no campo agora se tornaram mercadorias.

Somente a grande indústria fornece, com as máquinas, a base constante da agricultura capitalista, expropria radicalmente a imensa maioria do povo do campo e completa a separação entre a agricultura e a indústria rural doméstica, cujas raízes —fiação e tecelagem — ela arranca. Portanto, é só ela que conquista para o capital industrial todo o mercado interno. (MARX, 1867, p. 368)

Paralelamente a esse processo interno, o cenário global também passou por transformações que fortaleceram o acúmulo de capital inglês. A colonização da América, iniciada no século XVI, seguida pelo domínio dos países africanos no século XIX, além da consolidação de uma dívida pública que outros países contraíram com a Inglaterra e o sistema tributário moderno, foram fundamentais para a hegemonia britânica.

A industrialização não ocorreu de forma homogênea, mas passou por diversas transformações ao longo do século XIX. Sua primeira fase foi um período de grandes investimentos industriais, muitas vezes com a iniciativa familiar ou de pequenos grupos privados, em constante processo de consolidação. Foram décadas em que o livre-comércio era um ideal admirado pelos capitalistas ingleses, que almejavam comercializar seus produtos em qualquer região sem limitações alfandegárias, confiando na capacidade autorreguladora do mercado, sem a mão do Estado.

É nesse contexto que emerge a Era Vitoriana, marcada por particularidades expressivas e de relevância não apenas no território britânico, mas também nas demais áreas do globo que receberam sua influência.

Nas primeiras décadas do período vitoriano, que compreendem os anos de 1832 a 1848 e coincidem com a fase inicial da Revolução Industrial, deu-se um evento crucial: a aprovação da *Reform Bill* (Lei da Reforma), que representou uma nova era para a Inglaterra. Essa lei rompeu com o monopólio do poder por parte dos proprietários de terras, estendendo o sufrágio à burguesia - classe que assumia, paulatinamente, o controle da economia inglesa diante do contexto social e econômico. Contudo, é importante salientar que a classe trabalhadora não foi contemplada por essa mudança, já que o direito ao voto era restrito aos que possuíam propriedades com renda anual superior a dez libras, algo inatingível para a maioria da população.

As décadas de (1848) até (1870), são conhecidas como o período de apogeu e estabilidade da nação inglesa e da consolidação dos ideais burgueses, já que a economia inglesa estava a todo vapor. Foi nesse período que o Príncipe Albert – marido da rainha Vitória – inaugurou a Grande Exibição (1851), evento esse que reuniu homens de todo mundo para expor suas invenções, interligadas ao comércio, às artes ou ao maquinário industrial.

Embora tenham sido anos de estabilidade, as críticas permaneciam a todo vapor, sobretudo em autores como Charles Dickens, que retratavam as contradições do cenário inglês: enquanto o império avançava e se fortalecia, a realidade da população era precária. Ademais, ciente de que o século XIX foi palco de avanços não só tecnológicos e científicos, e considerando que a Inglaterra sempre fundamentou sua sociedade nos dogmas religiosos, era inevitável que as duas esferas da vida humana entrassem em conflito. Assim, grande parte dos embates entre os indivíduos influentes da época esteve direcionada à tensão entre a fé e a ciência.

No que se refere às décadas finais da Era Vitoriana, observa-se um período de decadência dos ideais consolidados nos anos anteriores, coincidindo com a segunda fase da Revolução Industrial, em que as crises já se mostravam emergentes. Diversos autores passaram a fazer uso de seus romances como plataformas políticas em prol das mudanças sociais que consideravam urgentes.

2.2. A condição de vida dos trabalhadores industriais e a consciência de classe

Ainda nos anos de construção da Era Vitoriana, eram indubitáveis as contradições da sociedade inglesa. Enquanto o Império se expandia e construía o legado que se estendia até meados do século, com apogeu da industrialização e das inovações tecnológicas, seu povo clamava por mudanças. Com o aumento da população nas cidades devido ao crescimento das fábricas, as condições de vida dos trabalhadores nos primeiros anos eram alarmantes. O êxodo rural acelerado ocasionou o surgimento de casas construídas às pressas em locais sem saneamento básico, e em épocas de intensas chuvas muitas dessas moradias inundavam e desabavam, viabilizando a proliferação de doenças que corroboraram para a baixa expectativa de vida dessa população pobre.

Depois de 1830 (ou por esta época) a situação mudou rápida e drasticamente, a ponto de, por volta de 1840, os problemas sociais característicos do industrialismo — o novo proletariado, os horrores da incontrolável urbanização — se transformarem no lugar-comum de sérias discussões na Europa ocidental e no pesadelo dos políticos e administradores. (HOBSBAWN, 1977, p. 272)

Como foi exposto no tópico anterior, os camponeses e a classe média urbana tiveram que se adequar às transformações industriais, restando-lhes como única fonte de subsistência a venda de sua mão de obra. Esse processo inseriu essa parcela da população na condição de proletariado. Além de Marx, Friedrich Engels também analisa o processo de formação do operariado em sua obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1845), na qual descreve a realidade das condições de vida e trabalho no período vitoriano. Segundo o autor, “[o] fruto mais importante dessa revolução industrial, porém, é o proletariado inglês” (ENGELS, 1845, p.59).

As condições de trabalho impostas a essa nova classe eram duras e precárias, pois era submetida a jornadas de 12 a 16 horas diárias, muitas vezes aos domingos, salários insuficientes para sustentar a família e constante ameaça de agressões físicas em caso de

descumprimento de ordens ou atraso. Com o controle dos meios de produção concentrado nas mãos da burguesia, a subsistência dos trabalhadores estava totalmente à mercê dos industriais cujo foco era o lucro acima da preservação da vida dos operários.

No que se refere às mulheres, sua situação era distinta de acordo com a classe social que faziam parte. Enquanto as pertencentes à burguesia e a aristocracia eram privadas do trabalho fora de casa, as mulheres das camadas mais populares estavam inseridas diretamente no processo produtivo, realizando funções pesadas e recebendo muito menos do que os homens. A princípio, seus locais de trabalho eram principalmente as fábricas têxteis, participando do processo de preparo e limpeza do algodão, bem como treinando as crianças para posteriormente exercer também esse trabalho. Nesse contexto, a presença do trabalho infantil já é notória, pois muitas mães precisavam levar suas crianças para as fábricas, e aos poucos foram sendo distribuídas tarefas para elas realizarem.

Em acréscimo a isso, o ambiente das fábricas era insalubre, com bastante sujeira e pouca circulação de ar, o que favorecia o desenvolvimento de doenças respiratórias e disseminação de epidemias como a febre tifóide e varíola. Uma comprovação disso está no artigo da *BNCC News Brasil* de 2023, que apresentou a pesquisa da Universidade de Durham, na Inglaterra, a qual investigou os restos biológicos de crianças do século XIX das regiões industriais. Através da análise foi possível observar diversos sinais de doenças, como afirma Alejandra Martins em no texto *Os ossos que revelam a brutalidade do trabalho infantil na Revolução Industrial britânica* (2023):

Os ossos dos menores estavam deformados, eram curtos e, em comparação com as outras crianças daquela época, mostravam sinais de deficiência de vitaminas e doenças respiratórias. "Observamos muitos defeitos nos seus dentes, tanto nos permanentes quanto nos de leite, o que demonstra a má saúde das crianças durante os seus primeiros anos de vida, incluindo o desenvolvimento intrauterino", segundo Gowland. Também havia sinais de raquitismo e de outras doenças causadas por deficiências alimentares, como o escorbuto. "Podemos diagnosticar estas condições porque elas deixam falhas nos ossos", explica a professora. "A deficiência de vitamina D pode provocar certas inclinações dos ossos longos e outras alterações. A deficiência de vitamina C geralmente é observada na forma de lesões porosas em áreas específicas do esqueleto. As doenças respiratórias podem ser observadas com a formação reativa de osso novo nas costelas e nos seios paranasais." As crianças também eram extremamente baixas para a sua idade. (MARTINS, 2023)

Porém, as consequências da insalubridade das fábricas não eram restritas às crianças, todos os trabalhadores estavam sujeitos a elas, e não havia segurança alguma em casos de

acidentes de trabalho ou morte. Isso se agrava, principalmente, quando se analisa a condição das cidades industriais e as moradias dos operários e de suas famílias.

Todas as grandes cidades têm um ou vários “bairros de má fama” onde se concentra a classe operária. [...] sozinha. Na Inglaterra, esses “bairros de má fama” se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade; quase sempre, uma longa fila de construções de tijolos, de um ou dois andares, eventualmente com porões habitados e em geral dispostas de maneira irregular. [...] Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias – onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa. (ENGELS, 1845, p.70)

Assim como Engels afirma, esses bairros muito se assemelhavam a cortiços, com ausência de qualquer saneamento básico e com estruturas altamente decadentes. A criminalidade e prostituição eram expostas nas vielas e becos das regiões periféricas das cidades industriais e a moradia dos trabalhadores era a clara representação da precária qualidade de vida e trabalho que lhes eram impostas.

Ainda que a educação do povo inglês se limitasse a apenas ler, escrever e contar, o conhecimento era disseminado entre os trabalhadores, principalmente através de líderes radicais locais, como afirma Thompson em seu estudo da formação da classe operária inglesa:

Assim, a partir de sua experiência própria e com o recurso à sua instituição errante e arduamente obtida, os trabalhadores formaram um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade. Aprenderam a ver suas vidas como parte de uma história geral de conflitos entre, de um lado, o que se definia vagamente como “classes industriais” e, de outro, a Câmara não-reformada dos Comuns. De 1830 em diante, veio a amadurecer uma consciência de classe, no sentido marxista tradicional, mais claramente definida, com a qual os trabalhadores estavam cientes de prosseguir por conta própria em lutas antigas e novas. (THOMPSON, 1968, p.304)

Influenciados por esse desejo de participação política, os indivíduos passaram a compreender a situação à qual estavam submetidos, e a compreensão acerca do seu papel na sociedade capitalista se constituiu. Consequentemente, emergiu a consciência de classe, isto é, o despertar para a condição de explorados, ocasionando um ambiente propício à adesão e à organização coletiva na luta contra as opressões. Em face da realidade latente, surgiram os movimentos operários no seio do desenvolvimento industrial na Inglaterra, nos quais o proletariado passou a lutar pelos seus direitos, enquanto classe que exercia a função produtiva na sociedade em oposição à classe dominante, que os explorava.

Engels afirma que o primeiro ato de revolta foi a criminalidade, já que, desde da fase de cercamento de terras, aqueles camponeses que não conseguiam trabalho para subsistência encontraram no crime uma forma de manter sua sobrevivência. Não foi diferente no cotidiano das cidades: a parcela da população que não conseguia emprego e era empurrada para o exército de reserva⁴, passou a roubar, enquanto as mulheres eram destinadas para a prostituição. Os operários começaram a se rebelar desde a introdução das máquinas no prelúdio da industrialização, ainda no século XVIII, já durante o XIX, os trabalhadores buscaram se organizar, mesmo sob o veto da lei *Combination Act* de 1799, que só foi revogada em 1825 abrindo a permissão à livre associação (MORAES, 2017, p.67).

Um dos movimentos essenciais foi o Ludismo, iniciado nas indústrias de produção de meias no Norte da Inglaterra, provocado pela dispensa dos operários de etapas no processo de produção para substituí-los pelo trabalho infantil e pelos grandes teares, com intuito de diminuir dos salários e aumentar o lucro. Em reação à atitude dos industriais, uma onda de ataques passou a emergir em diversas regiões da Grã-Bretanha entre 1811 a 1812. As Revoltas Ludistas foram assim conhecidas porque diversas cartas endereçadas aos proprietários, em tom de ameaça, eram assinadas por um general chamado Ludd. Como não obtiveram a resposta desejada, inúmeros trabalhadores participantes do movimento destruíram os teares. Embora as revoltas tenham sido violentamente reprimidas, o medo entre as elites foi propagado.

Nos anos seguintes, os protestos afloraram, não deixando outra saída senão fazer com que o Parlamento levasse em conta a causa pela qual os trabalhadores lutavam. Desse modo, a lei de proibição da livre associação (*Combination Act*) foi abolida em 1825, possibilitando o desenvolvimento de sindicatos mais determinados em engajar-se a favor da regulamentação do trabalho e da ampliação do direito ao voto. Em 1836, a Associação de Trabalhadores de Londres foi fundada, representando um marco na organização política do proletariado.

Outro movimento importante que surgiu no final da primeira metade do século XIX foi o Cartismo. Essa mobilização tinha como premissa a solução dos problemas sociais por

⁴ Esse exército de reserva seria uma parcela desempregada da população, que poderia substituir a outra que tinha emprego, caso se rebelassem. Os irlandeses foram uma arma dos patrões contra os trabalhadores, pois devido às suas péssimas condições de vida, aceitavam o trabalho por muito menos do que era oferecido aos ingleses. O próprio Engels relata na página 125 o fenômeno: "A indústria inglesa tem necessidade de uma reserva de trabalhadores desempregados precisamente para que possa produzir, durante os meses de maior atividade, a massa de mercadorias que o mercado reclama. Essa reserva é mais ou menos numerosa conforme a situação do mercado determine ou não a ocupação de parte dela." E na página 131 continua: "O rápido desenvolvimento da indústria britânica não teria sido possível se a Inglaterra não dispusesse de uma reserva – a numerosa e pobre população da Irlanda."

meio de mudanças na legislação. Com isso, foi produzida *A Carta do Povo* (1838), que, além de ser uma das causas do nome do movimento, também trazia consigo a proposta ao Parlamento do que era necessário para sustentar a mudança social. O documento defendia a ampliação do direito ao voto, para que ele se estendesse também aos trabalhadores (MORAES, 2017, p. 68). Apesar da significativa adesão do público, a maioria do Parlamento se recusou a ler o texto, uma vez que a sugestão dos cartistas envolvia alterar a estrutura eleitoral que até o momento era comandada pela elite parlamentarista cujo os membros eram pertencentes à aristocracia. A recusa provocou a radicalização do movimento, desencadeando manifestações e greves diante da crise econômica e da diminuição dos salários. Enquanto o Parlamento permanecia inerte, a contenção da luta foi duramente contida e o desfecho foi o declínio do movimento. No entanto, as ideias e o sentimento de revolta estavam plantados e se desenvolveram em outras manifestações operárias.

Esse era o cenário em que a classe trabalhadora se encontrava no século XIX, e a sociedade estava intrinsecamente envolvida em todas as transformações, seja diretamente ou indiretamente. A arte foi um campo fértil para a representação da ideologia e do contexto político e social em que a Inglaterra Vitoriana estava inserida.

2.3. O romance vitoriano e a moralidade burguesa

Seguindo essa linha de raciocínio, o impacto do avanço do capitalismo proporcionado pela Revolução Industrial não modificou somente as estruturas políticas e econômicas da Inglaterra. Pelo contrário, sua influência foi exercida de forma intrínseca nas raízes culturais e sociais, modificando as relações de trabalho e a moralidade da população do período. Com o fenômeno da industrialização, um novo modelo de sociedade se configurou, moldado de acordo com o sistema capitalista que, apesar de não ter sido criado pela Revolução Industrial, expandiu suas conexões pelo globo a partir dela.

De forma simultânea, observa-se a construção da moralidade burguesa, amplamente fundamentada pelos romances publicados em meados do século XVIII e ao longo de todo século XIX. A construção dessa moralidade deve-se, principalmente, ao avanço do capitalismo, que passa a valorizar o indivíduo, suas angústias, medos, desejos e caráter. A aristocracia, que antes governava a arte e os costumes, passa a ser confrontada pela classe

emergente, que além do poder político, também clamava por seu lugar na vida social e pelo reconhecimento do valor de sua identidade.

A professora e crítica literária Nancy Armstrong, em seu artigo “The Fiction of Bourgeois Morality and The Paradox of Individualism”, trata da moralidade burguesa relacionada ao surgimento do individualismo. Mediante a literatura – meio pelo qual o individualismo foi fortemente disseminado - é possível observar esses aspectos em sua forma mais perceptível nos personagens memoráveis dos romances vitorianos, como Jane Eyre, Elizabeth Bennet, Pip, entre tantos outros. E o que todos esses personagens têm em comum?

Embora muito complexos e distintos, o que os une é o fato de todos serem *misfit* (desajustados) como afirma Armstrong. Isto é, eles não se encaixam na conjuntura social central da história. A forma de ocuparem o espaço desejado é expressando sua individualidade e reivindicando para si um lugar na sociedade através de seu valor moral, e não da sua herança econômica ou aristocrática.

Para serem bons membros da sociedade, esses protagonistas devem se encaixar; eles devem observar as mesmas regras observadas pelos seus concidadãos. Ao mesmo tempo, para representar as reivindicações de um individualismo não expresso, esses protagonistas devem dar expressão a desejos antissociais, o que só podem fazer ao contornar as regras que definem seus lugares atribuídos na sociedade. (ARMSTRONG, 2007, p.350)⁵.

No entanto, para o personagem se encaixar e reivindicar seu espaço é necessário desafiar a lógica social vigente sem ultrapassar os limites aceitáveis para o público vitoriano. Com isso, o romance vitoriano traz em si a intenção de educar eticamente o leitor, utilizando personagens que exerçam esse papel no enredo e os construindo sob um crivo de complexidade moral e profundidade de caráter.

Esses personagens passam por uma jornada de amadurecimento, considerando que o romance também viabiliza o ambiente necessário para que seus protagonistas explorem sua individualidade. E, com a consciência da autoridade moral que carregam, eles confrontam a ordem pré-estabelecida que os impedia de ocupar um lugar de relevância na sociedade e conseguem modificar o núcleo que estão inseridos. Esse é outro processo característico do romance vitoriano: a abordagem de problemáticas complexas que são solucionadas por meio da individualização dos conflitos.

⁵ In order to be good members of society those protagonists must fit in; they must observe the same rules observed by their fellow citizens. At the same time, in order to represent the claims of unexpressed individualism, those protagonists must give expression to asocial desires, which they can do only by bending the rules that define their given places in society.

Um exemplo claro está na obra já citada neste trabalho, *North and South*, de Elizabeth Gaskell, na qual é possível compreender que a questão principal que norteia a história é o conflito de classes. No entanto, a solução apresentada por Gaskell é a conciliação de John Thornton, um industrialista, com seus trabalhadores, com o auxílio de Margaret, seu par romântico e proveniente de uma *gentry* empobrecida (mas idealizada com ética e desinteressada), para representar a importância do diálogo e da escuta das reivindicações de ambos os lados como ferramentas essenciais dos conflitos dessas classes no mundo real.

Gaskell não é a única autora a buscar soluções individuais na ficção para conflitos coletivos da complexa realidade social. Diversos autores vitorianos seguem esse caminho, como Charlotte Brontë, em seu romance mais famoso, *Jane Eyre* (1847), que também tem um conflito de classe e gênero estrutural que permeia a obra, mas que é solucionado entre ela e o Rochester e em *Shirley* (1849) da mesma autora, em que é citado o movimento de destruição de máquinas pelos trabalhadores. Charles Dickens é outro autor que usou sua influência para abordar e criticar a sociedade inglesa do século XIX, contudo que fundamentou suas obras também na solução individual, restrita aos núcleos dos personagens.

Apoiando-se na linha de pensamento deste capítulo, o próximo irá analisar como esses diferentes aspectos – conflito e consciência de classe, condição dos trabalhadores industriais e moralidade burguesa – estão expressos no romance vitoriano *Mary Barton*.

3. ELIZABETH GASKELL E SUA ESCRITA DE DENÚNCIA EM MARY BARTON

O último capítulo focaliza na análise do romance *Mary Barton* (1848) e examina como as temáticas abordadas nos capítulos anteriores estão refletidos na obra. Para compreender plenamente o romance objeto desta pesquisa, é preciso considerar o contexto e trajetória de Elizabeth Gaskell, autora de diversas histórias que marcaram a época vitoriana, uma vez que sua história de vida se presentifica em sua produção literária de diferentes formas.

3.1. A voz crítica de Elizabeth Gaskell.

Elizabeth Cleghorn Gaskell nasceu em Londres, no dia 29 de setembro de 1810. De origem burguesa, era filha do funcionário do tesouro e jornalista William Stevenson e de

Elizabeth Stevenson. O início de sua vida foi marcado pela morte trágica e precoce de sua mãe, quando a autora tinha apenas 13 meses. Em decorrência disso, foi enviada para morar com sua tia no norte da Inglaterra, na cidade de Knutsford, nas proximidades de Manchester. Essa mudança de localidade influenciou significativamente a vida pessoal e artística de Gaskell.

Elizabeth Gaskell passou a morar em Manchester após seu casamento, em 1832, com o ministro assistente da *Cross Street Unitarian Chapel* William Gaskell, com quem teve quatro filhas e um filho. Os dois exerciam uma função essencial na educação dos trabalhadores pobres da região, ensinando-os a ler e escrever. Em 1845, outra tragédia assolou a autora: a morte de seu filho, com apenas nove meses, devido à febre escarlatina.

Após o baque sofrido pela família, seu marido, que conhecia a paixão da esposa pela escrita, incentivou-a a escrever como forma de lidar com o luto. Sua primeira obra publicada foi *Mary Barton* em 1848, e sua ambientação é Manchester, centro cultural da era industrial. A cidade também foi objeto de análise de Friedrich Engels para escrever sua obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1844). Tendo passado por um rápido crescimento devido à migração de inúmeros camponeses em busca de emprego nas fábricas, Manchester tornou-se palco da desigualdade social latente e do principal exemplo da condição precária dos trabalhadores urbanos durante a Revolução Industrial.

Embora não haja indícios que Engels e Gaskell tenham se conhecido, o período em que ele esteve na cidade foi o mesmo que a autora, o que explica as similaridades na representação da realidade da vida urbana daquele tempo. Além de escrever os romances industriais, como *Norte e Sul* (1855) e *Mary Barton* (1848), Gaskell também produziu outras obras de grande relevância, como *Ruth* (1853) – em que a protagonista é uma mulher “caída” (*fallen angel*) – e *Cranford* (1853), inspirado em sua infância na cidade de Knutsford. A autora ainda publicou diversos contos na revista semanal *Household Words*, que tinha como editor Charles Dickens.

Em sua escrita, fica evidente o caráter de denúncia da realidade social vigente. Desde o primeiro romance publicado, a preocupação de Gaskell era de explorar a configuração social fundamentada na industrialização e nas contradições de classe, mostrando os pobres como vítimas da maldade humana. A escolha literária de Gaskell pelo realismo social chamou atenção de um dos escritores de maior influência da Inglaterra vitoriana no mesmo estilo, Charles Dickens, que passou a ser seu editor. Os dois construíram uma relação complexa.

O vínculo estabelecido entre ambos não foi o único que Mrs. Gaskell construiu no campo literário inglês da época, Charlotte Brontë, autora de obras populares como *Jane Eyre* (1847), *The Professor* (1857), *Shirley* (1849) e *Villette* (1853), foi sua grande amiga. Ademais, o site *The Gaskell Society* relata que a casa dela e de seu marido era amplamente visitada por pessoas eminentes da época.

Para além de sua vida social e intelectual, Elizabeth Gaskell também participava ativamente de trabalhos voltados para a caridade. Um exemplo disso é a forma como ela confrontou a Congregação Unitária, da qual seu marido fazia parte, ao representar a prostituição e a ilegalidade de alguns personagens como nos romances *Ruth* (1853), *Norte e Sul* (1855) e *Mary Barton* (1848).

Elizabeth Gaskell faleceu repentinamente em 1865 no dia 12 de novembro, na casa que estava comprando para passar os últimos anos de vida, aos 55 anos de idade. Durante sua vida, um dos seus maiores interesses, além de escrever, era viajar, conhecer novos lugares e pessoas, em busca de inspiração para suas histórias. Ela deixou um legado na literatura inglesa por sua escrita e pela coragem de trazer à tona elementos desafiadores para a sociedade inglesa.

3.2. O romance de Gaskell e a representação da classe trabalhadora

Tendo em vista o conhecimento sobre quem foi Elizabeth Gaskell, sua trajetória e influência no período vitoriano, é chegada a hora de compreender o objeto de análise desta pesquisa: o romance *Mary Barton*.

A obra se passa em 1839, durante a Primeira Revolução Industrial e em um momento em que os movimentos trabalhistas emergiam. A narrativa conta a história de Mary Barton, uma jovem bonita e doce, de origem proletária, que se encanta por Henry Carson, um rapaz de classe social distinta, pertencente à burguesia. O pai de Carson é dono de fábrica e representa a figura clássica do patrão, enquanto o pai de Mary é John Barton – personagem central desta análise. Embora o encantamento de Mary por Henry fosse apaixonado, tinha um caráter idealista e vaidoso, algo que a jovem percebe assim que se depara com a declaração de amor do terceiro personagem importante da história, Jem Wilson.

Jem era um trabalhador, assim como seu pai, e nutria um amor pela jovem desde a infância de ambos, mesmo sem ser correspondido. Contudo, em um ato de coragem, após ter

sofrido com a morte de seus irmãos e de seu pai, resolve confessar a Mary sua devoção. Jem é duramente rejeitado por ela e precisa lutar contra a tristeza, partindo em viagem sem imaginar que Mary logo se arrependeria da recusa, ao perceber que, de fato, o amava, e prontamente romper a relação com Henry.

Imbuído de raiva pelo ego ferido, Henry não aceita a rejeição de Mary a seus avanços e passa a persegui-la. Até que um fim trágico o assola: o corpo do jovem é encontrado nas ruas de Manchester. O assassino é um mistério para os personagens, mas não para os leitores, que já têm consciência de quem o matou devido aos acontecimentos anteriores da narrativa. Logo, Jem Wilson é preso, por acreditarem que matou Henry por ciúmes de Mary, já que havia confrontado Carson dias antes, ao descobrir que ele estava importunando a amada. Um drama policial começa a se desenrolar e Mary se torna peça central para a solução do crime e para absolvição de Jem, acusado de um ato que não cometera, mas cujo verdadeiro autor ela conhecia muito bem.

No desfecho da história, a inocência de Jem é comprovada e o assassino retorna, após ter desaparecido durante longos capítulos: John Barton. O motivo da morte de Henry é então revelado aos demais personagens, distanciando-se de meros conflitos românticos, mas de raízes mais profundas: a revolta de classe despertada em Barton.

Embora o romance exerça um papel fundamental na trama, o que ambienta toda a narrativa e é de extrema relevância para compreender a mensagem que Gaskell busca transmitir, através das relações sociais e românticas, está concentrado no personagem John Barton. Observa-se isto ainda nos capítulos iniciais, que buscam retratar a forma como o pai da protagonista desenvolve seu ódio aos patrões. Todavia, esse processo será aprofundado no tópico seguinte, que se dedicará a compreender a formação da consciência de classe e revolta em Barton.

Por ora, é necessário perceber outros elementos e artifícios que Elizabeth Gaskell utiliza em seu romance para posicionar o leitor na configuração que seus personagens estão inseridos. Um deles, senão o principal, é o fato de a história ter como cenário a cidade de Manchester, no ápice do crescimento industrial e demográfico e, em alguns poucos capítulos, Liverpool. A primeira é uma das cidades que foi berço desse desenvolvimento fabril, atraindo inúmeras famílias vindas do campo em busca de emprego - como é o caso da personagem Alice e da família de seu irmão George Wilson, pai de Jem. Contudo, ao chegarem nessas zonas urbanas, depararam-se com condições insalubres de trabalho e moradia. O romance delineia claramente esse panorama ao descrever as ruas e estrutura das fábricas.

Era uma rua de terra; atravessada ao meio por uma grossa vala que, aqui e ali, formava poças nos abundantes buracos. Nunca a frase que se ouvia em Edimburgo, *Gardez l'eau* foi mais necessária do que nessa rua. Enquanto eles passavam, mulheres chegavam às portas e despejavam diversos tipos de água suja na vala; a água então corria até a próxima poça, que transbordava e estagnava. Pilhas de excrementos formavam ilhas onde qualquer transeunte que se importasse minimamente com o asseio cuidava para não pôr o pé. (GASKELL, 2017, p. 74)

Igualmente, há trechos que revelam as condições precárias dos trabalhadores, especialmente em relação às doenças adquiridas em decorrência do estilo de vida nessas cidades.

A “febre” era, como em geral ocorre em Manchester, uma febre baixa e pútrida, como a febre tifoide; um resultado das condições de vida miseráveis, da vizinhança imunda e de uma enorme depressão mental e física. É virulenta, maligna e altamente contagiosa. Mas os pobres são fatalistas em relação à infecção; e que bom que seja assim, pois em suas pequenas moradias nenhum inválido pode ser isolado dos demais. (GASKELL, 2017, p. 76)

Outro elemento que Gaskell utiliza para enriquecer sua obra é a abordagem de questões econômicas e políticas da época, principalmente ao tratar da crise presente nas fábricas que impactava diretamente a vida dos trabalhadores.

Durante os últimos três anos, o mercado vinha ficando cada vez pior, e os preços das provisões, cada vez mais altos. A disparidade entre os ganhos das classes trabalhadoras e o preço de sua comida causava, em mais ocasiões do que se pode imaginar, doença e morte. Famílias inteiras iam, aos poucos, morrendo de fome. Só precisavam de um Dante para registrar seu sofrimento. (GASKELL, 2017, p. 102)

Além disso, a abordagem dos elementos econômicos, sociais e políticos por Gaskell exerce a função de explicar também o ponto de vista dos patrões e os motivos pelos quais medidas tão severas eram aplicadas aos seus funcionários. Entretanto, os empregadores decidiam por não revelar suas razões aos seus funcionários, mantendo-os alheios aos imperativos do mercado, ocasionando o direcionamento da culpa pela miséria unicamente aos donos das indústrias, como exemplificado na seguinte citação:

Um novo mercado estrangeiro fez um pedido de peças de algodão. Foi um pedido grande, que renderia trabalho para todas as fábricas que vendiam aquele tipo de produto; mas era necessário entregá-lo depressa e pelo menor preço possível, já que os patrões tinham motivos para acreditar que outro pedido igual havia sido mandado para uma das cidades manufatureiras do continente, onde não havia restrições alimentícias, nem impostos sobre os edifícios e as máquinas, e onde, conseqüentemente, eles temiam que o produto pudesse ser fabricado a um custo muito menor; ou seja, agindo e cobrando dessa maneira, os fabricantes rivais obteriam a exclusividade do mercado. Estava claro que seria de seu interesse comprar o algodão mais barato e pagar os salários mais baixos possíveis. E, a longo

prazo, os operários também seriam beneficiados. Por mais que desconfiassem uns dos outros, os patrões e os empregados fracassariam ou venceriam juntos. Talvez houvesse alguma diferença na cronologia, mas nenhuma no fato. (GASKELL, 2017, p. 202)

Na mesma medida, a autora, no parágrafo seguinte, direciona a narrativa para a perspectiva dos trabalhadores em situações semelhantes, com intuito de mostrar ao leitor da época que o motivo principal do sofrimento de ambos era a ausência de diálogo e confiança. Em uma seção posterior, essa dinâmica será analisada de forma mais detalhada.

Outros elementos também são usados por Gaskell para construir a narrativa, como a descrição dos movimentos dos trabalhadores e a moralidade burguesa cristã, intrínsecas em todo o livro, e que serão explorados nos tópicos seguintes. Contudo, algo que se torna evidente é a importância de sua obra ao confrontar o período em que é publicada, principalmente por ter sido escrito por uma mulher da classe burguesa na Inglaterra do século XIX.

3.3. Formação da consciência de classe em John Barton

É nítido que John Barton, pai da protagonista Mary, é um personagem central do romance. A obra, a princípio, carregaria seu nome, até seus editores solicitarem a mudança do título do livro e direcionarem o foco para o triângulo amoroso. Essa mudança deveu-se ao fato abordado no tópico anterior, de que a história estava muito “progressista” ao explorar John, como um personagem operário que se revoltava violentamente contra um representante da classe opressora.

Gaskell usa a trama envolvendo Mary como um artifício para contornar o assunto. Depois de retratar uma sociedade profundamente desigual e cheia de contrastes, a autora não consegue se comprometer com a ideia de que era preciso forçar essa sociedade a passar por uma mudança concreta – e assim simplesmente desvia seu olhar para uma história de amor, retornando à esfera considerada adequada para as escritoras mulheres da sua época. (ROMEY, 2017, p. 8)

Apesar da mudança de foco da história, o senhor Barton ainda tem relevância fundamental para todo o desenrolar da narrativa, desde dos primeiros capítulos até seu final trágico. E isso começa a se manifestar na parte inicial com a construção da consciência de Barton acerca da sua condição enquanto membro da classe proletária. Essa formação de entendimento sobre seu lugar na sociedade ocorreu após os constantes sofrimentos

enfrentados por ele e por sua família. Os pais de John também eram trabalhadores fabris e faleceram em decorrência da qualidade insalubre de vida e trabalho que viviam.

O ponto inicial da sua revolta foi quando, ainda jovem e recém casado, John foi demitido da fábrica, junto com diversos operários devido à crise que assolava o período. Ao mesmo tempo, seu único filho adquiriu a febre escarlatina⁶ e a forma de tratá-lo era uma boa alimentação e conforto, tudo o que ele não poderia oferecer. Até que certo dia vê a esposa do seu antigo patrão sair de uma loja de artigos alimentícios de luxo com várias compras para uma festa. Nesse momento ele questiona que crise seria essa que os industriais afirmavam, sendo que eles e suas famílias continuavam alimentando a vida de bonanças. Os questionamentos cedem lugar à raiva quando ele chega em casa e encontra seu filho morto.

O baque sofrido por ele leva ao ódio por todos os capitalistas, apresentado pela autora ainda nas já nas páginas iniciais da obra:

Não, são os pobres, e só os pobres, que fazem essas coisas pelos pobres. Não me venha com aquela velha história de que os ricos não sabem nada das provações dos pobres; para mim, se não sabem, deveriam saber. Nós somos escravos deles enquanto conseguimos trabalhar; ajudamos a aumentar sua fortuna com o suor do nosso rosto; mas temos de viver tão separados como se estivéssemos em dois mundos diferentes; sim, tão separados quanto o Rico e Lázaro, com um enorme abismo entre nós: mas eu sei quem está com a vantagem – terminou ele, com uma risada sem alegria. (GASKELL, 2017, p. 17-18)

A revolta foi nutrida por muitos anos no coração de John, como no coração de muitos trabalhadores, mas ele continuava a trabalhar para se manter acreditando que nada podia ser feito. Até que a segunda perda o devasta: a morte da esposa em trabalho de parto e de seu bebê, restando apenas ele e Mary para sobreviver num mundo hostil.

A partir dessa fatalidade, a consciência de Barton se amplia, e com seu envolvimento em sindicatos e associações o personagem passa a compreender a importância de seu trabalho. E nas entrelinhas da escrita de Gaskell é possível enxergar conceitos marxistas, como o de mais-valia, em falas do próprio John ao afirmar que o capital dos patrões fora feito pelos trabalhadores e que, tanto ele quanto os demais operários deviam receber o valor produzido.

Você vai dizer (como muita gente diz) que eles têm capital, e nós não. Eu digo que nosso trabalho é nosso capital e a gente dizia receber juros por ele. Eles recebem juros pelo seu capital nessas épocas, enquanto o nosso fica parado. Senão, como iam conseguir viver do jeito que vivem? Além do mais, muitos não tinham nada no começo: os Carson, os Duncombe, os Mengy e muitos outros que vieram para Manchester só com a roupa do corpo e mais nada. E agora valem dez, vinte, trinta mil, tudo conseguido com o nosso trabalho. Ora, até a terra que valia sessenta libras

⁶ A febre escarlatina é uma doença infecciosa comum entre crianças, cujo o ápice ocorreu no século XIX de forma letal antes do advento dos antibióticos.

há vinte anos agora vale dez vezes mais, e isso também é por causa do nosso trabalho. Mas olhe para você, olhe para mim e olhe para o pobre Davenport ali. Nossa vida ficou melhor? Eles batem na gente até não poderem mais para ganhar rios de dinheiro e construir aquelas casas enormes, enquanto a gente fica passando fome. E você me diz que não tem nada de errado com isso? (GASKELL, 2017, p. 81)

Porém, esse sentimento passa a torná-lo violento, e um fator crucial é levantado no romance: o vício de Barton em ópio. Ao observar os discursos das elites no decorrer da história e até na contemporaneidade, a miséria dos trabalhadores é resultado de sua suposta predisposição natural aos vícios, e a permanência em uma situação precária é de responsabilidade do indivíduo. Essa temática revela que Barton reforça esse discurso, como também é um dos impulsionadores para sua mudança extrema de comportamento, principalmente após seu retorno de Londres – para onde ele e outros trabalhadores cartistas viajaram com o intuito de conseguir conversar com o Parlamento sobre as condições de trabalho que eram submetidos – e da reunião desagradável com os patrões em que eles exigiram melhorias de salário e qualidade no processo de produção.

Nós fomos falar com os patrões com o coração transbordando, para pedir por tudo isso que eu falei. Sabemos que eles têm dinheiro, pois fomos nós que ganhamos; sabemos que o comércio está melhorando e que eles receberam pedidos grandes, que vão pagar bem; pedimos a nossa parte; pois, se os patrões ficarem com ela, só vai servir para pagar por criados e cavalos, por mais roupas e mais pompa. (GASKELL, 2017, p. 222)

Em consequência da recusa e desdém dos industriais, inclusive de Henry Carson, Barton e outros colegas decidem que medidas mais extremas precisam ser tomadas. O que instigou ainda mais foi a existência de uma caricatura feita por Carson encontrada pelos trabalhadores que os apresentavam como “compridos, esfarrapados, desanimados e marcados pela fome” (GASKELL, 2017, p. 217). O ressentimento que já habitava neles cresceu por perceberem como eram vistos pelos patrões em um momento em que sofriam pela fome de suas esposas e filhos. Diante disso, os operários revoltosos resolveram fazer um sorteio entre si para designar quem cometeria o assassinato de um dos patrões, e a figura escolhida para ser morta era o jovem Carson, e o sorteado que seria responsável pelo ato foi John Barton.

Em seguida, a história passa a se desenrolar com um caráter investigativo, e o autor do crime sai de cena nos próximos capítulos, abrindo espaço para sua filha. A jovem fica responsável pela tentativa de inocentar Jem Wilson, enquanto tenta camuflar a possível culpa de seu pai pelo crime.

O que acontece com Barton só se revela nos últimos capítulos do livro, após o vencimento dos obstáculos que separavam os dois jovens. Então o pai de Mary retorna para um último ato, momento em que a autora expõe o que seria necessário para solucionar o conflito que permeia toda a história, entre burguesia e o proletariado. Todavia, como a autora constrói essa resolução é o que será explorado no último tópico deste capítulo. Por enquanto, faz-se necessário direcionar o foco para outro aspecto essencial presente no romance: a representação dos movimentos dos trabalhadores.

3.4. Representação dos movimentos dos trabalhadores: O Cartismo

Como foi citado no capítulo um, a primeira citação de uma possível reivindicação dos trabalhadores no livro se dá quando a família Barton está reunida com outros trabalhadores em um campo nas proximidades de Manchester, aproveitando um dia de folga. O narrador, que não é um personagem identificado no texto, escreve que não tem certeza se o feriado que os operários desfrutam naquele dia seria algo oferecido pelos patrões, ou uma exigência dos trabalhadores (GASKELL, 2017, p.12). Esse comentário não só reflete como também apresenta aos leitores o contexto das movimentações trabalhistas que fervilhavam na época em que a obra se alicerça, e aponta para uma existência dos movimentos trabalhistas na história e a presença ativa desses operários.

Posterior a isto, as lutas trabalhistas ganham mais espaço no enredo. Já nos primeiros capítulos em que a consciência de classe de Barton é desenvolvida, o envolvimento dele com os sindicatos é explorado como consequência do sofrimento que teve que enfrentar após a perda de seu filho e da esposa. O narrador explicita essa relação entre a tragédia pessoal e o entusiasmo pela luta operária ao afirmar que “seu coração se endureceu para sempre” (GASKELL, 2017, p.32) e logo após relata a entrada de John em associações e sua participação enquanto membro ativo.

Outros aspectos dos movimentos trabalhistas são mencionados por toda a obra, sempre brevemente, como a citação de uma greve por parte dos linotipistas⁷ (GASKELL, 2017, p. 101). Uma cena também escrita no romance é de John Barton lendo o jornal *Northern Star*⁸ e

⁷ Profissionais encarregados de operar a máquina linotipo, essenciais para a evolução da tipografia e da imprensa.

⁸ “Semanário inglês, órgão central dos cartistas, fundado em 1837. Publicou-se até 1852, inicialmente em Leeds e depois, a partir de novembro de 1844, em Londres. O fundador e chefe da redação do jornal foi F. O'Connor.

comentando sobre um artigo de campanha em defesa de uma diminuição da jornada de trabalho nas fábricas, em que mulheres e crianças não deveriam trabalhar mais de 10 horas por dia – reivindicação que fervilhava na Inglaterra no mesmo período da história - (GASKELL, 2017, p. 100). Além disso, a alternativa de quebrar as máquinas é exposta por outro personagem a John, uma ação semelhante à realizada pelo Ludismo⁹, pois assim como os trabalhadores do romance, os ludistas tinham a mentalidade de que as máquinas eram responsáveis por tiravam o emprego dos pobres. (GASKELL, 2017, p. 105).

Apesar da riqueza de referências exploradas pela autora, o movimento protagonista na obra é o Cartismo, já que o próprio John Barton foi um de seus participantes mais engajados, disposto a qualquer sacrifício em favor da causa. O narrador descreve essa adesão com afirmando: *“John Barton se tornou um cartista, um comunista, tudo aquilo que em geral chamam de louco e de visionário.”* (GASKELL, 2017, p. 201). Convém ressaltar, contudo, que o Cartismo diferia do comunismo, uma vez que não pretendia modificar radicalmente o sistema econômico capitalista, mas apenas atenuar a precariedade das condições de vida dos trabalhadores. Ainda assim, ambos eram vistos pelos setores conservadores como frutos de um mesmo pensamento considerado fanático. Barton, por sua vez, não foi o único a ser arrebatado pelos ideais e sentimento de revolta dos cartistas: a autora retrata que esse espírito de resistência crescia entre os operários:

Uma ideia então se espalhava entre os operários; uma ideia que tivera origem entre os cartistas, mas que acabou por ser acalentada por muitos e muitos como um filho querido. Eles não podiam acreditar que o governo soubesse de sua miséria; preferiam achar que homens pudessem assumir voluntariamente o posto de legisladores de uma nação sendo ignorantes de seu estado real; como quem pretende criar regras domésticas para o bom comportamento de crianças sem se incomodar em saber que essas crianças foram deixadas sem comida durante dias. Além do mais, as multidões esfomeadas tinham ouvido falar que a própria existência de sua angústia tinha sido negada no Parlamento; e, embora achassem isso estranho e inexplicável, a ideia de que sua miséria ainda estava por ser revelada em toda a sua profundidade, e de que alguma solução seria encontrada, consolava seus corações doloridos e abrandava sua fúria crescente. (GASKELL, 2017, p. 103)

Além da frequente confusão entre os termos Cartismo, Ludismo e Comunismo, os discursos liberais retratavam os trabalhadores pobres de forma infantilizada, muitas vezes comparando-os a crianças - percepção que Gaskell reforça, como se vê na citação anterior.

Foi também membro da redacção G. Harney. Entre 1843 e 1850 publicou artigos de Engels.” Fonte: Arquivo Marxista na Internet.

⁹ Revoltas ocorridas entre 1811 a 1812, iniciadas nas indústrias de Nottinghamshire, onde eram produzidas meias. Os revoltosos queriam forçar os patrões recuarem na dispensa dos trabalhadores e diminuição dos salários através da destruição das máquinas. O levante foi duramente reprimido, mas deixaram sua marca ao causarem o temor entre as elites. (MORAES, 2017, p.67)

Diante dessa lógica, os operários eram considerados incapazes de dialogar e, portanto, inclinados a recorrer às associações. Assim, partia-se da ideia de que bastava sensibilizar as classes mais abastadas, mediante o relato da miséria operária para que os problemas sociais fossem solucionados.

Por outro lado, ao analisar as bases do Cartismo na história contemporânea, observa-se que a associação coletiva partia da premissa que a resolução das contradições sociais que poderia ser concretizada a partir de reformas legislativas e da participação de todos os cidadãos igualitariamente nas questões políticas. (MORAES, 2017, p. 68). Para viabilizar tal resultado, foi necessário a criação de um documento, *A Carta do Povo*, que reunia os princípios defendidos pelos trabalhadores, sendo o principal deles o sufrágio universal.

Gaskell escreve o romance 10 anos depois da publicação da *Carta do Povo* (1838), fato que ocorre também na sua obra. No universo construído pela autora, o documento é levado pelos trabalhadores, incluindo Barton, para Londres, onde não só não são recebidos pelo Parlamento como também são duramente repreendidos pelos policiais (GASKELL, 2017, p. 122).

Assim uma petição foi criada e assinada por milhares de pessoas nos belos dias primaveris de 1839. Implorando que o Parlamento ouvisse aqueles que pudessem dar seu testemunho sobre a penúria excepcional dos distritos manufatureiros. (GASKELL, 2017, p. 103)

o Parlamento se recusara a escutar os trabalhadores, quando estes pediram, com toda a força de suas palavras rudes e incultas, para ouvirem o que diziam sobre a angústia que cavalgava, como o Conquistador em seu Cavalo Esverdeado, em meio ao povo; que minava suas vidas e deixava a marca da tristeza naquela terra. (GASKELL, 2017, p. 118)

Após a recusa do Parlamento em receber os operários e a violência policial com a qual são recebidos, o retorno a Londres vem carregado de ressentimento, especificamente em John. O pai de Mary começa a se tornar uma pessoa mais áspera até com a própria filha, a qual ele tanto amava. A raiva crescente nele acompanha sua participação cada vez mais intensa de Barton no sindicato e nas assembleias realizadas, de modo que o associam a um pensamento político fanático (GASKELL, 2017, p. 102-103).

Os sindicatos são retratados como uma figura negativa por Gaskell através do narrador, pois eles não conseguiam ajudar de fato os trabalhadores. Ao contrário, eles preferiam ajudar os membros que fossem mais ativos nas lutas do que os que tinham menos energia, que eram os que tinham as famílias mais necessitadas – algo de que John Barton discordava no posicionamento de seus colegas sindicalistas.

Ademais, as reuniões sindicais impulsionavam nos trabalhadores o sentimento de ódio pela classe que os oprimiam e obrigavam aqueles que não estavam associados a serem ligados a algum sindicato. Para Gaskell, esses núcleos não exerciam auxílio efetivo para melhorias de vida e trabalho dos operários, já que não eram guiados pela sabedoria e uma vontade nobre, como o narrador salienta no seguinte trecho:

A associação é um poder terrível. É como a potência igualmente tremenda do vapor, capaz de exercer um bem ou um mal quase ilimitado. Mas, para que os efeitos sejam positivos, deve operar sob a direção de uma vontade nobre e inteligente; incapaz de se enganar devido à emoção e à irracionalidade. A vontade dos operários não fora guiada pela tranquilidade da sabedoria. (GASKELL, 2017, p. 204-205)

Partindo dessa perspectiva, questiona-se o que seria a vontade nobre e sábia que para a autora conseguiria mitigar a hostilidade vivida pelas famílias da classe operária inglesa do século XIX. O tópico seguinte irá explorar esse questionamento e analisar como ele é aplicado no romance.

3.5. A visão de Gaskell e a resolução dos conflitos.

Como mencionado anteriormente, esse foi o primeiro livro publicado pela autora, o que revela uma primeira fase de sua escrita. É indiscutível a coragem de expor e denunciar as contradições ocasionadas pela Revolução Industrial e suas consequências para a população, bem como a forma com que não apenas ela, mas também outros autores contemporâneos, vislumbravam possíveis soluções para os conflitos latentes. No entanto, assim como em *Mary Barton* e nas suas outras obras, Gaskell não tem a intenção de usar sua escrita como um manifesto, mas sim uma denúncia, como afirma a tradutora Julia Romeu no prefácio do romance na edição de 2017:

Mary Barton é uma tentativa de compreender a revolta dos pobres diante de sua miséria, não para justificar quaisquer radicalismos da parte destes, mas para despertar nos mais ricos um sentimento de solidariedade e amor cristão que, na ideologia de Gaskell, acabará por diminuir o abismo entre as classes. (ROMEY, 2017, p. 7)

Como já apresentado por Romeu, Gaskell não utiliza a obra para justificar as medidas radicais abraçadas pelos trabalhadores, mas ela procura explorar o que os levou a verem a violência e o ódio como alternativa. Para além disso, a autora também aborda na história as consequências de tais escolhas, não culpabilizando o indivíduo - no caso de *Mary Barton* a

figura do personagem de John -, mas responsabilizando a falta de solidariedade e compaixão dos patrões que gerou a disparidade extrema de qualidade de vida.

A indigência e o sofrimento dos operários produziram uma suspeita nas mentes de muitos deles, de que os legisladores, os magistrados, os patrões e até mesmo os religiosos eram, no geral, seus opressores e inimigos; e de que conspiravam para prostrá-los e escravizá-los. O mal mais deplorável e duradouro que surgiu naquele período de crise econômica ao qual me refiro foi essa sensação de alheamento entre as diferentes classes da sociedade. (GASKELL, 2017, p. 102)

O estilo que Elizabeth Gaskell emprega não é particular dela, mas segue a forma do romance burguês que surgiu no final do século XVIII. Esse gênero usa de artifício a individualização das problemáticas, ou seja, ele traz problemas complexos da sociedade e concentra na relação entre os indivíduos. Isso deve-se ao fato de que o romance enquanto gênero literário se constrói para abarcar a moralidade de uma classe específica – a burguesia – como apresentado no capítulo anterior.

Com esse raciocínio em perspectiva, é possível analisar na obra *Mary Barton* como a autora utiliza da história de Mary e John para discutir os dilemas sociais que fervilhavam no período vitoriano. No trecho seguinte, Gaskell demonstra que a falta de tratamento igualitário por parte dos patrões para com os operários é um dos motivos para que eles os vissem como inimigos, já que, por não terem conhecimento das condições que o mercado passava, não tinha como compreender o lado dos industriais.

Ninguém pensou em tratar os operários como irmãos e amigos e, da forma aberta e clara com que se argumenta com homens razoáveis, explicar com exatidão e detalhe a circunstância que levava os patrões a pensar que a decisão mais sábia para aquela ocasião era que eles mesmos fizessem sacrifícios e os esperassem de seus trabalhadores. (GASKELL, 2017, p. 214)

Em todo o romance, Gaskell procura demonstrar os efeitos desse distanciamento entre as classes, como na parte da ida dos trabalhadores a Londres com a recusa do Parlamento de recebê-los, aumentando o ressentimento de John contra o sistema (GASKELL 2017, p. 122). Ademais, no capítulo dezesseis a reunião entre patrões e operários é realizada, em que o povo que passava fome diante da crise apresenta suas condições e são tratados com desdém por aqueles que deveriam fornecer empregos. Todos esses eventos acarretam como consequência um fim trágico, o ápice do ódio de uma classe pela outra – o assassinato de Henry Carson, filho de um industrialista pelas mãos de John Barton, um trabalhador que chegara ao limite de sua revolta contra a realidade que oprimia os seus semelhantes.

O drama investigativo se estende durante a maioria dos capítulos do romance até a conclusão. Quando John Barton retorna para casa, com a inocência de Jem já comprovada, assume arrependido sua culpa para o pai do jovem assassinado. Nesse ato da obra o assassino começa a enxergar a humanidade do patrão no seu sofrimento ao perder um filho – sentimento este que John já enfrentara anos antes.

Ricos e pobres, patrões e empregados, eram, portanto, irmãos em sofrimento; pois não fora essa a angústia que ele sentira pelo pequeno Tom, numa época tão remota que parecia pertencer a outra vida?

O homem que se lamentava diante dele não era mais o empregador, um ser eternamente ocupando o papel de antagonista; que atravessava o mundo brilhando como o ouro, com um coração de pedra, e que não conhecia nenhuma tristeza além das vicissitudes do mercado; não era mais o inimigo, o opressor, mas um velho desolado e digno de pena. (GASKELL, 2017, p. 428-429)

No entanto, a confissão não mitiga a raiva do senhor Carson, que promete fazer justiça em nome de seu filho. Na cena, Barton já está debilitado e aguarda o retorno do acusador. No ínterim do capítulo, o industrial é arrebatado pelo arrependimento de John e reflete sobre sua infância, que também foi marcada por provas, mas nunca tão extremas quanto a que seus empregados relataram. A reflexão se estende para o campo religioso, onde o mesmo começa pensar também sobre as motivações do operário em cometer o crime, passando a dividir a culpa com o mesmo. Rapidamente, ele retorna à casa de Mary e encontra seu rival dando os últimos suspiros de vida, e em um ato quase que teatral, a jovem pede que o senhor Carson reze por eles, e ele o faz, segurando John Barton que segundos depois morre nos braços daquele que representa o objeto de seu ódio.

A obra tem seu desfecho dias depois da morte de Barton, com o convite do industrial a Jem e Job – personagem relevante na história – para irem ao seu escritório. Durante o encontro, os três travam um diálogo expondo os pontos de vista dos empregadores e empregados, a conversa não faz com que concordem, mas lhes ajuda a compreender como cada classe enxerga a realidade sob sua ótica específica nas palavras de Job: “O senhor disse que nossa conversa de nada adiantou. Eu digo que adiantou, sim. Eu entendi como o senhor vê as coisas do seu lugar” (GASKELL, 2017, p. 452).

A partir desse momento, o senhor Carson busca mudar seus hábitos enquanto chefe de fábrica, para proporcionar dignidade aos seus trabalhadores, agora com a convicção de que nenhum ser humano merecia viver com tantas privações como aquelas enfrentadas anteriormente.

Aqueles que tinham a honra de conhecê-lo bem, no entanto, sabiam que seu maior desejo era que ninguém sofresse aquilo que sofreu; que houvesse uma perfeita compreensão e uma confiança e um amor completos entre os patrões e os empregados; que se reconhecesse a verdade de que os interesses de uns eram os interesses de todos e, por isso, requeriam a consideração e a deliberação de todos; que dali em diante era mais desejável ter trabalhadores educados, capazes de julgar, e não apenas homens ignorantes que agiam como meras máquinas; e que o melhor era que estes fossem fiéis aos empregadores devido ao respeito e à afeição, não apenas às negociações monetárias; em suma, reconhecer o espírito de Jesus como a lei que devia comandar ambos os lados. (GASKELL, 2017, p. 453)

Assim, poderia a solidariedade e compaixão da burguesia representar a forma mais eficaz de mitigar os conflitos de classe, uma luta travada desde dos primórdios da industrialização? Segundo Gaskell e outros literatos vitorianos, possivelmente sim. Todavia, ao analisar a materialidade das relações sociais e produtivas, essa solução mostra-se inatingível, pois, como afirma Marx e Engels, os interesses do proletariado e da burguesia sempre foram antagônicos. Do ponto de vista econômico, a segunda busca aumentar seus lucros pela exploração da força de trabalho, enquanto a primeira, para sobreviver, necessita vendê-la. Nesse embate, os trabalhadores buscam romper com a exploração para obterem melhores condições de vida, enquanto a burguesia precisa manter a ordem vigente para continuar com seus privilégios. Logo, um provável diálogo conciliatório entre as duas classes não teria possibilidade de resolução.

Para além disso, ao observar as experiências históricas, percebe-se que as tentativas de aplacar as disparidades de classe só foram possíveis através da organização dos trabalhadores, pois, por meio dela, é realizável a construção de consciência revolucionária, que consiste na compreensão de uma classe sobre sua condição de explorada e a necessidade de transformar a ordem vigente. E mediante uma nova mentalidade do proletariado, a mudança estrutural torna-se possível, uma vez que a luta não carrega um peso moral e a crença de que a classe dominante pode “ceder” lugar para melhoria de vida dos trabalhadores mostra-se vazia.

O pensamento defendido por Gaskell se assemelha ao que Marx e Engels chamam de socialismo e comunismo crítico-utópico, que fundamentam suas esperanças em utopias sociais irrealizáveis.

Assim sendo, censuram toda ação política, vale dizer, toda ação revolucionária. Querem atingir seu objetivo por vias pacíficas e procuram, por intermédio de pequenos experimentos, naturalmente malsucedidos, por meio da força do exemplo, abrir caminho ao novo evangelho social. (MARX & ENGELS, 1848, p. 64)

Sendo assim, no que se refere ao personagem de John Barton, se a revolta que cresceu em seu âmago tivesse sido direcionada para um campo coletivo, onde o objetivo seria o

enfrentamento de estruturas e não o ódio contra indivíduos, possivelmente a história seria mais factível. Mas trata-se de uma ficção que, embora carregada de intenções de denúncia da realidade vigente e influência social e moral da época e da autora, não opera sob o compromisso de ser fiel à realidade. Essa foi a forma que Elizabeth Gaskell, uma autora relevante até os dias atuais, encontrou de deixar sua marca na literatura e confrontar as contradições da sociedade e as estruturas vigentes do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado procurou evidenciar como a literatura, sobretudo o romance *Mary Barton*, de Elizabeth Gaskell, é capaz de exercer grande significância como fonte histórica ao representar a classe trabalhadora e as condições de vida e trabalho durante a Revolução Industrial. Faz-se ainda uma análise de como os indivíduos adquirem consciência da realidade que lhes é imposta duramente.

Dessa forma, o primeiro capítulo focalizou na fundamentação teórica respaldada na crítica literária marxista, que possibilitou compreender os escritos literários também como representação do contexto histórico, com intuito de compreender os dilemas e visões que permeiam o período em que as obras foram produzidas.

No que se refere ao segundo capítulo, partiu-se do estudo do contexto histórico da Inglaterra do século XIX, desde o processo de industrialização e a formação do operariado, que foi forçado ao êxodo rural em busca de emprego após o cercamento de terras, e à situação a que esses trabalhadores foram submetidos ao chegarem nos centros urbanos industriais. Além disso, nessa parte da pesquisa também foi investigada a moralidade burguesa que se estabeleceu no século XIX e como ela era retratada de forma expressiva nos romances do período e como através deles ela também era enraizada na mentalidade vitoriana.

O terceiro e último capítulo focalizou na análise do romance, ao compreender a jornada de Elizabeth Gaskell e como sua história de vida influenciou a mensagem que a autora defendia em seus romances. Juntamente a isso, desenvolveu-se uma análise sobre a maneira como os temas abordados no capítulo dois foram expressos na obra: a condição da classe trabalhadora, a formação da consciência de classe e os movimentos trabalhistas. No entanto, a ênfase do estudo esteve no personagem de John Barton, o pai da protagonista, como o vetor para a narrativa do livro desdobrar. E o fechamento do último capítulo se deu com a reflexão da solução que Gaskell oferece para a resolução dos conflitos entre a burguesia e o proletariado, com o intuito de mitigar a condição precária da vida dos trabalhadores.

Em conclusão, a partir dessa análise foi possível compreender como o consumo da literatura, especialmente o cânone, pode fornecer ao leitor um entendimento do período histórico em que as obras foram produzidas e publicadas. Já para o pesquisador de História, os escritos literários revelam-se um campo fértil para a investigação política e socioeconômica vigente na época representada, bem como os ideais que os autores expressavam em suas narrativas e como esses pensamentos eram recebidos e compartilhados. Isso manifesta-se

através do presente trabalho ao procurar entender a raiz da solução apresentada por Gaskell em Mary Barton e o porquê essa proposta revela-se utópica diante dos estudos marxistas dos antagonismos de classe, uma vez que uma possível alternativa para esses conflitos e desigualdades seria a organização política dos trabalhadores para enfrentar a desigualdade vigente.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Nancy. The fiction of bourgeois morality and the paradox of individualism. In: MORETTI, Franco (Ed.). *The novel: volume 2: forms and themes*. Princeton: Princeton University Press, 2007. p. 349–388.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CHIAPPINI, Lígia. Literatura e história: notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 18–28, 2000. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i5p18-28. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/article/view/18276>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CHARTIER, Roger. Debate literatura e história. [Sem mais dados editoriais disponíveis].

FREITAS, M. T. A história na literatura: princípios de abordagem. *Revista de História*, [S. l.], n. 117, p. 171–176, 1984. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i117p171-176.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Tradução de Matheus Corrêa. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2014.

GASKELL, Elizabeth. *Norte e Sul*. Tradução de Marina Della Vale. 1. ed. [Local não informado]: Wish, 2023. 512 p. ISBN 978-85-67566-64-1.

GASKELL, Elizabeth. *Mary Barton*. Tradução de Julia Romeu. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. 462 p. ISBN 978-85-011-1031-2.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 6, n. 11, jul. 2014.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARXISTS. The Northern Star (A Estrela do Norte). Dicionário Político. Marxists.org, [s.d.]. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/t/the_northern_star.htm. Acesso em: 28 set. 2025.

MARTINS, Alejandra. Os ossos que revelam a brutalidade do trabalho infantil na Revolução Industrial britânica. *BBC News Brasil*, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72xw90n9lwo>. Acesso em: 20 ago. 2025.

MATOS, Júlia Silveira. Da Escola dos Annales à Nova História: propostas para uma leitura teórica. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, Goiás, v. 4, n. 1, jan.–jul. 2013.

MORAES, Luís Edmundo. *História Contemporânea: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 176 p. ISBN 978-85-5200-027-3.

NASCIMENTO, Danilo Rodrigues do. A Escola dos Annales (1929-1989): revolução francesa da historiografia. Resenha de: BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. *Revista Discente de História da UFAC, Das Amazônias*, Rio Branco, v. 5, n. 2, p. 166–173, jul.–dez. 2022.

O USO DA LITERATURA COMO RECURSO EXPLICATIVO NA FILOSOFIA DE KARL MARX. *Revista Docentes*, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 104–110, 2023. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/772>. Acesso em: 16 jul. 2025.

PEREIRA, L. A. de M. Resenha de Edward Palmer Thompson. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária. *Cadernos AEL*, [S. l.], v. 11, n. 20/21, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/acl/article/view/2546>. Acesso em: 21 jul. 2025.

THE GASKELL SOCIETY. The Gaskell Society: study and appreciation of the life and work of Elizabeth Gaskell. [s.l.]: The Gaskell Society, [s.d.]. Disponível em: <https://gaskellsociety.co.uk/>. Acesso em: 28 set. 2025.

THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.